



PLASTIC DREAMS

RAINBOW Verão 2013

# Plastic <sup>dreams</sup>

## Rainbow

MELISSA MAGAZINE  
Verão 2013

As sete cores do arco-íris inspiram a nova coleção da Melissa, em busca da felicidade e do pote de ouro que está no final dele: na moda, nas artes, na música e na vida real.



**ALEK WEK: MUSA NEGRA**  
OS HITS DA COLEÇÃO DE VERÃO  
**JULIA PETIT PEDRO LOURENÇO**  
**CROMOFOBIA MAKE COLORIDO**  
A CARTELA DOS ARTISTAS  
**JULIE VERHOEVEN E SUA ULTRA**  
**ELISABETH DE SENNEVILLE SPFW**  
BATIZANDO ESMALTES





*"pavão misterioso  
que oculta  
seus tons no arco,  
da íris.*

*a pausa no olhar  
revela as cores  
que colam felizes  
na minha retina."*





CARO, QUALQUER SAPATO PODE SER.  
LUXO É SER ÚNICO.



MODA: INOVAÇÃO

LUXO: DISTINÇÃO

DESIGN: INDIVIDUALIDADE

PLÁSTICO: EXCLUSIVIDADE

**M:ZERO**

[WWW.MZEROSHoes.COM.BR](http://WWW.MZEROSHoes.COM.BR)





SANDRINE DUERMO & MICHAEL LABICA



KARIN BERNDL



JEON SEUNG HWAN

# Verão 2013

# Rainbow

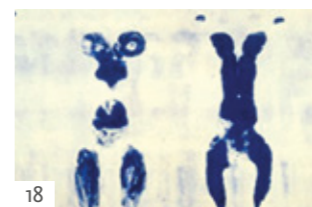
**22 MENINAS SUPERCOLORIDAS** Representando as sete cores do arco-íris, casting multirracial mostra a nova coleção. **50 CLOSE** Veja bem de pertinho alguns dos mais legais lançamentos do verão 2013, na interpretação de poderosa dupla Karin Berndl e Heidi Taylor. O resultado é inspirador! **90 DIVA RAINBOW** Com sua excepcional história de vida, a modelo sudanesa Alek Wek é símbolo de esperança, otimismo e alto astral, o que move esta edição da PLASTIC DREAMS.

- 10 Duas pontas** Descubra de onde partiu a nova coleção da Melissa.
- 14 Física para leigos** Quer ver um arco-íris? A gente ensina aqui.
- 16 Dicionário** De onde vem fúcsia e outros nomes de cores.
- 18 Celebridade** Por que algumas tonalidades ficam famosas?
- 34 Moda** Estilistas se inspiram nas cores do arco-íris. E arrasam!
- 38 Xanadu** Meninas vivem sete caminhos sobre diferentes rodas.
- 42 Ilustração** O top alemão Olaf Hajek mostra sua visão do mundo ideal!
- 62 Rainbow flag** Saiba como a bandeira virou símbolo de paz.
- 64 Spotify** Rainbow é tema recorrente também na música.
- 66 Arte** Quem são os artistas fundamento que curtem as 7 cores.
- 70 Nas ruas** Meninas enchem as ruas de cores mundo afora.
- 74 Pintura** Seria Mariana Palma a próxima Beatriz Milhazes?
- 78 Maquiagem** Aproveite o verão para colorir seu rosto. É tendência!
- 80 Nail art** Além de mil cores, as unhas ganham esmaltes fun!
- 82 Design** Já percebeu como qualquer objeto fica + legal colorido?
- 86 Dieta** Pratos com alimentos com cores instigam o paladar.
- 88 Literatura** A jovem Clarice Falcão escreve pra gente na PD8.
- 102 Melissando em SP** A nova fachada da Galeria e o Love Spot.

- 104 Acessório** A bolsa Refraction é um dos destaques da coleção.
- 106 Lançamentos** Confira as principais novidades do verão 2013 Melissa.
- 113 Darling** O estilista Pedro Lourenço fala de suas criações pra gente.
- 114 Parcerias** As novas Melissas da Salinas e Elisabeth de Senneville.
- 116 SPFW** Confira o lounge Rainbow e a parceria com a it-girl Julia Petit.
- 118 Conto** Mayra Dias Gomes estreia com uma crônica na PD8.



BARRY HALE / CORTESIA WHITE CUBE



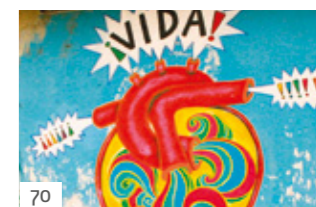
DIVULGAÇÃO



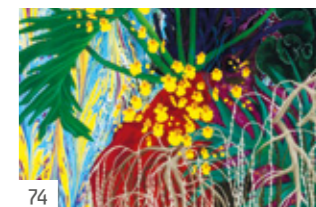
MARCIO MADEIRA



DIVULGAÇÃO DO ARTISTA



CORTESIA NICOLINA ART



CORTESIA CASA TRIÂNGULO



ILUSTRAÇÃO DE ANA HELENA TOKITAKE





## COVER GIRLS



FOTOS: SANDRINE DULERMO &amp; MICHAEL LABICA



JEON SEUNG HWAN

Natalie, Mira, Diana, Sharmina, Georgia, Tiara e Kate usam MELISSA PRISM.

Confira o ensaio completo à página 22.

Alek Wek usa vestido DOLCE & GABBANA, colete MARINA QURESHI, touca J. MASKREY, chapéu STEPHEN JONES e MELISSA PRISM.

Confira o ensaio completo à página 90.

**ENDEREÇOS DA EDIÇÃO** Acne [acnestudios.com](http://acnestudios.com) Alexander McQueen [alexandermcqueen.com](http://alexandermcqueen.com) Alexander Wang [alexanderwang.com](http://alexanderwang.com) Alexandre Herchovitch [herchovitch.uol.com.br](http://herchovitch.uol.com.br) Ashish [ashish.co.uk](http://ashish.co.uk) Basia Zarzycka [basia-zarzycka.com](http://basia-zarzycka.com) Balenciaga [balenciaga.com](http://balenciaga.com) Blue Man [blueman.com.br](http://blueman.com.br) Cantão [canta.com.br](http://canta.com.br) Christian Dior [dior.com](http://dior.com) Christopher Kane [christopherkane.com](http://christopherkane.com) Dolce & Gabbana [dolcegabbana.com](http://dolcegabbana.com) Fleurology [fleurologydesign.com](http://fleurologydesign.com) Gucci [gucci.com](http://gucci.com) Haider Ackermann [haiderackermann.be](http://haiderackermann.be) Haviland [haviland.fr](http://haviland.fr) I.D Sarrieri [sarrieri.com](http://sarrieri.com) J.Maskrey [jmaskrey.com](http://jmaskrey.com) Jil Sander [jilsander.com](http://jilsander.com) John Rocha [johnrocha.ie](http://johnrocha.ie) Juliana Jabour [julianajabour.com.br](http://julianajabour.com.br) Kosta Boda [kostaboda.com](http://kostaboda.com) Lanvin [lanvin.com](http://lanvin.com) Louise Gray [louisegraylondon.com](http://louisegraylondon.com) Marina Qureshi [marinaqureshi.com](http://marinaqureshi.com) Mark Fast [markfast.net](http://markfast.net) Maria Bonita Extra [mariabonitaextra.com.br](http://mariabonitaextra.com.br) Meadham Kirchhoff [meadhamkirchhoff.com](http://meadhamkirchhoff.com) Melissa [melissa.com.br](http://melissa.com.br) Milet [miletswimwear.com](http://miletswimwear.com) Paul Smith [paulsmith.co.uk](http://paulsmith.co.uk) Phillip Lim [31philliplim.com](http://31philliplim.com) Saint Louis [saint-louis.com](http://saint-louis.com) Salinas [salinas-rio.com.br](http://salinas-rio.com.br) Stephen Jones [stephenjonesmillinery.com](http://stephenjonesmillinery.com) Top Shop [topshop.com](http://topshop.com) Triya [triya.com.br](http://triya.com.br) Waterford [na.wvrd.com](http://na.wvrd.com) Westwood [viviennewestwood.co.uk](http://viviennewestwood.co.uk) William Yeoward [williamyeoward.com](http://williamyeoward.com) Yves Saint Laurent [ysl.com](http://ysl.com)

A PLASTIC DREAMS ESTÁ DISPONÍVEL NA APPLE STORE, E NAS REDES SOCIAIS: FACEBOOK, INSTAGRAM E TWITTER @SIGAMELISSA. TAMBÉM NO CANAL YOUTUBE/MELISSACHANNEL

## Rainbow

Verão 2013

## CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Jordão de Magalhães,  
Erika Palomino, Márcio Cócaro  
Paulo Pedó Filho, Raquel Metz Scherer  
e Rodrigo Leão

## REDAÇÃO

Diretora de Redação Erika Palomino  
Editora Duda Porto de Souza  
Coordenadora de Produção Vivi Bacco

## ARTE

BIZU Design com Conteúdo  
Direção de Criação Ana Starling  
e Roberto Guimarães  
Projeto Gráfico e Direção de Arte  
Ana Starling  
Designers  
Luciano Drehmer e Gisela Dias

Tratamento de Imagem

Vivi Bacco

Assistente

Juliana Nallini

Produção gráfica Alan Alves  
Fechamento de arquivos Joana Brasileiro  
Pré-impressão, CTP, Impressão  
e Acabamento IBEP Gráfica  
Revisão Diogo Bercito e Cícero Oliveira

## COLABORADORES

Allex Colantonio, Ana Helena Tokutake,  
Bianca Pereira, Brooke Venables, Camila  
Gray, Cheryl Konteh, Clarice Falcão, Cordelia  
Weston, Diogo Rodrigues, Flavio Teperman,  
Gary Gill, Heidi Taylor, Hektor P. Kowalski,  
Ilana Rehavia, Irena Rogers, J. Maskrey,  
Jeon Seung Hwan, Juliana Andrade, Juliana  
Monachesi, Julie Jacobs, Karin Berndl, Laura  
Barrow, Lucie Pickavance, Marcio Madeira,  
Neil Stuart, Pedro Ferraro, Romeu Silveira,  
Sandrine Dulermo, Sergio Amaral, Steph  
Mendiola, Stephanie Noelle, Simon Lycett,  
Suzy Capó, Thiago Piwowarczyk, Mayra Dias  
Gomes, Michael Labica e Valeria Ferreira.

## AGRADECIMENTOS

Joana Brasileiro e Meire Marino.

## MELISSA

Deisi Meneguzzi; Edson Matsuo; Fernando  
Serrudo da Silva; Francyne Dagostini; Karina  
Rechenmacher; Luciana Carboni Ceccon,  
Paulo Pedó Filho e Raquel Metz Scherer.

CARTA DA EDITORA  
Erika Palomino

A tal da  
felicidade

COM VOCÊS, O NÚMERO 8 DA PLASTIC DREAMS.

A valorização da felicidade é um dos mais frequentes temas contemporâneos. Tanto nos meios acadêmicos quanto na nossa vida real. Temos, como um dos possíveis ideais, o sentimento de felicidade quando “tudo está certo”, ou quando “tudo está dando certo”. Esta sensação, querida leitora ou leitor, pode não durar mais do que um segundo. Frustração? Mágica? #chatiada?

De forma alguma. Já dissemos que aqui na Melissa trabalhamos com utopias. Esse nirvana, em que nada de mal nos atinge, pode ser tanto real quanto virtual. Depende do nível pessoal de consciência. Talvez as redes sociais e as fotografias digitais nos levem a achar que todos são mais felizes ou que se divertem mais do que a gente. Causo explicado e justificado por cientistas sérios e por achistas de bar.

Porém, aqui estamos. Tentando terminar cada dia. Mais que

isso, começar cada dia. Melissa está aqui pra isso. Pra desanuviar, tornar tudo “mais feliz” (utopias, de novo, à parte). Pra fazer a vida mais colorida. Principalmente nesta coleção de verão Rainbow. Quer coisa mais otimista, astral, lisérgica e quase infantil do que um arco-íris?

Para isso estamos aqui. Para lembrar você que, do outro lado do país ou do planeta, tem gente parecida com você. Diferente, como você. Tão distintas quanto as sete modelos que nesta capa simbolizam as cores do arco-íris. Ou todas as cores do mundo.

Se ver um arco-íris nos dá a sensação de presenciar um momento único, me diz qual a fã de Melissa que nunca se sentiu especial ao calçar um modelo novo ou desejado da marca que nos faz querer a nova cor, o novo produto, o novo salto?

Da minha parte, continuo olhando para o céu nos dias de chuva.

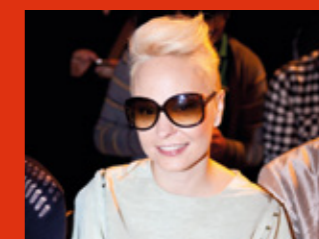
ERIKA PALOMINO



DIVULGAÇÃO



CORTESIA DAVID BATCHELOR



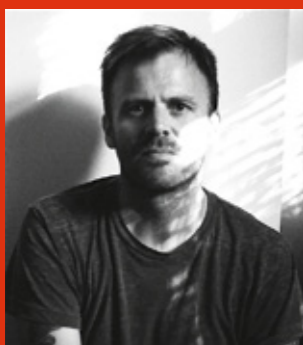
JULIANA KNOBEL

No alto, a obra “Obliteration Room”, de Yayoi Kusama; ao centro, a fachada da Galeria Melissa São Paulo, criada por Julie Verhoeven; acima, obras da série “DogDays”, de David Batchelor, que fala sobre a fascinação das cores na PD8.



# Potes de ouro

SAIBA QUEM FOI JUNTO COM A GENTE EM BUSCA DO FINAL DO ARCO-ÍRIS DESTA EDIÇÃO, QUE TRATA DA COLEÇÃO RAINBOW, VERÃO 2013 DA MELISSA, COM MUITO TALENTO, GARRA E INCANSÁVEL ENERGIA.



## Gary Gill

O hair-stylist Gary Gill não parou nos últimos meses. Além de seu trabalho com a Plastic Dreams \_onde ele assina os visuais dos editoriais com Alek Wek (pág. 90) e o das sete meninas do arco-íris (pág. 22)\_ ele também se dedica cada vez mais ao universo dos cabelos masculinos. “É um mundo que se torna cada vez mais criativo e isso me fascina.” Seus trabalhos mais recentes incluem editoriais para as revistas “Esquire” e “Glass”, uma colaboração com o produtor musical Mark Ronson e com a Coca-Cola para um projeto olímpico, e os looks para a passarela do designer Richard Nicholl na semana de moda de Londres. Em seu extenso currículo estão também colaborações com lendas da música, como The Cure e Amy Winehouse e com as revistas “Vogue”, “GQ” e “Wallpaper”.



## Stephanie Noelle

“A beleza é o ápice da inspiração”, diz Stephanie Noelle, 22, que está cursando o último ano de Jornalismo na USP, mas já especializada no segmento de beleza. “Escrever sobre esse assunto, pra mim, tem muito de mostrar para as pessoas jeitos de elas ficarem ainda mais incríveis, de se gostarem mais. E de, naqueles dias meio chatos, alegrar a vida só colocando um batom pink ou laranja!”, empolga-se. “Não é preciso se mascarar, apenas fazer com que o que elas têm de mais lindo se sobressaia. Isso é loucamente inspirador”, completa. Stephanie já passou pelo portal FFW e desde o início do ano é responsável pela cobertura do setor na revista “L’Officiel” Brasil. Pra gente, assina as reportagens de beleza da edição, sobre make (pág. 78) e esmaltes (pág. 80). Siga a Stephanie no twitter e no instagram, que ela adora! :-)



## Alex Colantonio

Jornalista especializado em design e cultura, Alex tem 33 anos e é Diretor de Redação da badalada “Wish Casa”, que ajudou a lançar em 2011 no Brasil com o midas Tyler Brülé (o criador da “Wallpaper”). Alex foi também editor-chefe da “Wish Report” e, antes, editor-chefe da “Casa Vogue”, onde atuou de 2000 a 2010. Paralelamente, ao longo da década, colaborou com várias publicações sobre o segmento luxo/lifestyle/decoração para “Vogue”, “RG”, “Revista I”, “Mag”, “Daslu”, “Les Lis Blanc” e “Jornal do Brasil”. Há cinco anos assina o blog Allexincasa (colunistas.ig.com.br/allexincasa/), no qual explora o universo das formas e volumes com olhar mais pessoal e apoio aos novos designers. Na PLASTIC DREAMS, estreia analisando a importância da cor no design (pág 82). Bem-vindo, querido! <3



## Hektor P. Kowalski

Monocromático, assimétrico e ligeiramente provocativo. É assim que o cineasta polonês Hektor P. Kowalski descreve seu trabalho. Acostumado a documentar eventos em importantes galerias londrinas, como a Tate Modern, a Serpentine e o Barbican, e a criar suas próprias instalações em vídeo, ele gostou da mudança de cenário ao entrar no mundo da PLASTIC DREAMS. Foi ele quem filmou o making of do ensaio com Alek Wek (youtube.com/melissachannel). “Estou tentando reagir com minha câmera ao que estou vendo aqui e brincar com todas essas cores incríveis”, diz, empolgado. Apaixonado por moda, Hektor se prepara para lançar sua marca, a Monochrome, projeto baseado na região Leste de Londres, mixando estilo e arte.



## Julie Jacobs

Quando pequena, Julie Jacobs sonhava em fazer a maquiagem das chiques apresentadoras dos telejornais. Ela também era fascinada pelo ritual da mãe e da tia antes de uma noite, sempre tentando descobrir que tom de sombra aplicar em qual parte do olho. Com essa motivação, ela se tornou hoje uma maquiadora altamente requisitada, trabalhando com celebridades como Victoria Beckham e Sienna Miller, e revistas como “Vogue”, “Grazia”, “Elle”, e, claro, a PLASTIC DREAMS, para qual criou o look de Alek Wek. “A pele é muito importante. Tento não esconder a beleza de alguém com a maquiagem, mas sim ajudar a mostrá-la”, diz.



## Eduardo Jordão de Magalhães

A visão antenada do diretor criativo Eduardo Jordão de Magalhães vem ajudando a moldar a PLASTIC DREAMS desde o início. Pelas páginas da revista, já passaram ícones como Kate Moss, Lily Cole, Alessandra Ambrosio, Dita Von Teese, Alice Dellal e Katy Perry. Foram centenas de horas de estúdio, incontáveis telefonemas e e-mails trocados, e milhares de xícaras de café e chá. Mesmo assim, a paixão e o entusiasmo de Eduardo nunca diminuíram. “O que eu adoro é que a proposta da revista não é apenas mostrar a coleção, mas também trazer o que é novo, sempre com uma curadoria forte da Melissa”, explica. A revista se tornou uma plataforma para o trabalho dos mais criativos designers, ilustradores, maquiadores, cabeleireiros e stylists. “Tentamos criar uma família, uma continuidade, um fio condutor, mas ao mesmo tempo estamos sempre agregando pérolas a esse fiozinho”, completa. “E o colar está ficando cada vez mais lindo.”



## J. Maskrey

É difícil dissociar J. Maskrey dos cristais que ela vem aplicando em tudo e todos: de rostos e corpos a sapatos da Melissa. Nascida em Hong Kong, ela começou há 12 anos como maquiadora e logo ficou conhecida por sua inovadora arte com cristais, a “skin jewelery”. Você pode conferir o belo trabalho que criou para o editorial com Alek Wek. “Os cristais e eu nos escolhemos”, diz ela. “Sempre encaro as peças que crio como pequenas joias, algo a ser guardado e apreciado por muito tempo.” J. está lançando uma nova linha de acessórios, J. By J. Maskrey. “Terá cores vivas, plástico e muita diversão, mas sempre levando o meu DNA de glamour e de um visual feminino.”



## Ana Helena Tokutake

“Adoro a liberdade que a Melissa tem para criar universos sempre diferentes e sempre mágicos e coloridos”, diz a talentosa Ana Helena Tokutake, 27, que criou uma poética ilustração para o conto “Violeta” (pág. 88). “Para mim as cores são muito preciosas e realmente elas são minhas companheiras de trabalho e de vida. Para onde olho tenho meus potinhos de tinta e lápis coloridos, lãs e linhas de todas as cores”, revela. Ana já criou ilustrações para revista “CONTINUUM”, do Itaú Cultural, e para a “Capricho”. Também já ilustrou para outras marcas de moda, como a de lenços cult B.HEART, de Iracema Trevisan. Atuou como cenógrafa para a conferência TEDxLuz e um mural seu pode ser visto na altura do número 725 da rua Augusta, em São Paulo. Queremos mais!



## Sergio Amaral

Formado em jornalismo, Sergio Amaral, 33, tem um histórico animado no jornalismo de moda e de Melissa. Foi editor da PLASTIC DREAMS por cinco edições. Começou no site Erika Palomino em 2000, escreveu para a Folha de S.Paulo, “Elle”, “Alfa”, “SPFW JOURNAL”, “V Man”, e “V”. Este superlibriano, fã de Coca-Cola normal, de Hot Chip e do The Gossip, gosta de brincar de DJ vez ou outra e é o novo editor-chefe da revista “L’Officiel” Brasil. Na PD8, escreve duas matérias de moda relacionadas ao tema Rainbow (pág. 34). “Adoro arco-íris; no ano passado vi um duplo no céu!”





#### Ilana Rehavia

A jornalista Ilana Rehavia ainda se diverte ao lembrar do dia em que foi entrevistada por Oprah Winfrey. Ela foi levada a Chicago para aparecer no programa, depois que a apresentadora se interessou por um documentário de rádio feito por Ilana para a BBC, mostrando como as brasileiras lidam com a beleza e o corpo. “Foi uma experiência surreal, sentar lá batendo papo com a Oprah, sabendo que seria vista por milhões de pessoas em todo o mundo.” Nos oito anos em que trabalhou no serviço mundial da BBC, a jornalista embarcou em missões fascinantes. Vasculhou a indústria do fetiche no Japão e investigou como a Indonésia se recuperou do devastador tsunami. Desde que decidiu virar freelancer, há dois anos, Ilana se transformou em uma espécie de máquina multimídia. Baseada em Londres, ela atua como correspondente para rádio e TV e escreve para uma série de sites e revistas, incluindo a PLASTIC DREAMS, “Veja”, “Época”, UOL, “Status”, “Marie Claire” e “TPM”. Veja suas entrevistas nesta edição às págs. 32, 60 e 100.



#### Irena Rogers

A maquiadora sérvia Irena Rogers adora criar peles radiantes e visuais em tons neutros. Mas ela também se joga nas cores quando necessário, como no caso do editorial de capa da PD8. Vivendo em Londres há 20 anos, ela começou trabalhando para a marca de cosméticos Bobbi Brown. Em seguida, foi assistente de maquiadores renomados, antes de seguir carreira solo. Desde então, Irena colaborou com grandes nomes dos universos da moda e da música, como Girls Aloud, Manic Street Preachers, Miu Miu, Alexander McQueen e Chanel. “Trabalhar no mais recente desfile da Chanel em Paris foi totalmente inspirador”, relembra. Irena tira sua inspiração exatamente do mundo que a rodeia. “Admiro as pessoas que seguem seus sonhos e minha filosofia é nunca ter medo de experimentar e ousar.” Chegou ao lugar certo, então, Irena! ;-)



#### Suzy Capó

Referência quando o assunto é cultura LGBT, Suzy é co-fundadora do Festival Mix Brasil e assina a curadoria da Mostra Gay do Festival do Rio, além de organizar o festival PopPorn. Sua próxima aventura é desbravar o Oriente, à frente do Traffic, evento de duas mãos que envolve a realização de um festival de cinema asiático em SP e de uma turnê anual de filmes brasileiros em seis cidades asiáticas. Não existe falar de arco-íris sem falar sobre a bandeira dele, por isso a PLASTIC DREAMS convocou Suzy para falar sobre os momentos históricos desse símbolo mundial de tolerância e respeito (pág. 62.). Como em tudo o que faz, Suzy foi brilhante.



#### Steph Mendiola

Foi o amor à arte e ao desejo de ter seu próprio negócio que atraíram Steph Mendiola ao universo das unhas. “Sempre fui muito criativa e pintar me relaxa”, diz ela. Steph começou trabalhando em um salão para ganhar experiência, mas já estava de olho nas belas imagens que folheava nas revistas. Atualmente, trabalha para publicações como “Vanity Fair”, “Pop”, “Jalouse” e “InStyle” e foi a responsável pelas mãos e pés de nossas sete modelos no editorial de capa desta edição (pág. 22). Steph adora ser parte de uma equipe com um objetivo em comum: criar imagens incríveis. Antenada às últimas tendências, ela diz que a palavra da hora é “nail art”. “Se você acertar na cor, no formato e no desenho, pode ficar maravilhoso.” Em seu trabalho, porém, ela prefere seguir por um caminho mais elegante: “Um formato bonito, um esmalte perfeito e um acabamento que funcione de todos os ângulos.” Já é.



#### Thiago Piwowarczyk

Formado pelo Instituto de Química da USP, Thiago Piwowarczyk, 32, abre a oitava edição da PLASTIC DREAMS explicando “Como encontrar seu arco-íris?” (pág. 14). Vivendo e trabalhando entre São Paulo e Nova York, dirige o Instituto Interface, através do qual faz a autenticação e conservação de arte para colecionadores particulares e museus, determinando a autenticidade das obras por métodos químicos e físicos. Já trabalhou com diversos artistas e estilistas que querem desenvolver novos materiais para executar suas criações, como Pedro Lourenço, parceiro de Melissa.



#### Ana Starling

Autora do novo projeto gráfico da PLASTIC DREAMS, que estreou na edição número 7, Aninha tem estilo próprio. Em seu trabalho pessoal, privilegia as colagens e tem (saudável) fixação por bichos, digamos, sui-generis. Confira à página 120 por que é impossível ficar indiferente aos seres deliciosamente surrealistas que saem da prancheta digital desta doce mineira que mora em São Paulo, a poucos passos da Avenida Paulista, e volta do almoço caminhando de mãos dadas com o marido, pai da pequena e encantadora Laura, e seu sócio no Estúdio Bizu.



#### Camila Gray

“A Melissa me acompanha desde pequena. Foi o primeiro calçado que lembro ter escolhido e uso até hoje”, diz a ilustradora Camila Gray, 30, formada em publicidade e propaganda. É ela quem ilustra o conto “Antes da Tempestade”, de Mayra Gomes, com seu traço realista e emocionante (leia à página 118). Apaixonada por moda, ela expressa seu lado fashion para clientes da área como Mercadinho Chic!, C&A (seu primeiro trabalho grande) e para a revista “Capricho”. Também na área de comportamento, ela já criou para as publicações Rolling Stone Brasil e para a norte-americana SPIN. Fashionistas, anotem o nome dela!



#### Lucie Pickavance

Lucie Pickavance é uma verdadeira artista das unhas, muito requisitada tanto por sua técnica rápida e precisa quanto pela habilidade de criar desenhos inusitados. A maleta que leva para trabalhar é o objeto de desejo de qualquer amante das unhas, com todas as cores imagináveis de esmaltes, além de materiais para suas criações mais ousadas, como rendas, jornais e bastões de cola. Entre suas invenções estão unhas imitando granito e outras com minúsculos rostos de Marilyn Monroe, no estilo de Andy Warhol. “Eu sempre fui muito artística, então consigo entender o que é preciso para complementar a visão de um ensaio fotográfico.” Entre seus trabalhos mais memoráveis estão as 40 capas diferentes que ajudou a criar em apenas dois dias para a edição de aniversário da revista alemã Zeit Magazin, ao lado da supermodel Claudia Schiffer. Sua longa lista de clientes inclui também Vogues ao redor do mundo, além de Gisele Bündchen, Kate Winslet, Lindsay Lohan, Liv Tyler e nossa superstar, Alek Wek (pág. 90).



# Além do Horizonte

Texto  
Erika Palomino  
Fotos  
Vivi Bacco

EM BUSCA DO ARCO-ÍRIS COMO SÍMBOLO DA FELICIDADE, A EQUIPE DE MELISSA VIAJOU PARA A COSTA RICA, INGLATERRA, TAILÂNDIA E NORUEGA, PARA DESCOBRIR QUE, COM PERDÃO DO CLICHÊ, A FELICIDADE ESTÁ ONDE NOSSO CORAÇÃO SE AQUECE. ONDE ESTÁ O AMOR.



O tema Rainbow Verão 2013 para Melissa surgiu de maneira quase óbvia. Como todas as boas ideias, que parecem já existentes. Na cultura e no imaginário contemporâneo, o arco-íris representa um momento especial. Algo que você vivencia, muitas vezes de forma solitária, com sorte com amigos ou pessoas queridas, sempre tendo a sensação do único. Quando a tradução do luxo se dá por meio da exclusividade, de algo que é praticamente customizado, a versão brasileira do custom-made emerge mais que perfeita: feito para o consumidor, feito para você.

O conceito de Melissa é do luxo para todos, do luxo pop, do luxo acessível. Ainda mais num país feito o Brasil. Onde luxo mesmo, mas mesmo, é ser brasileiro e por aqui habitar. Tirando os problemas que todos conhecemos e com os quais lutamos em nossos cotidianos. Seja no Norte, Nordeste, Sul, Sudeste ou Centro-Oeste.

A visão de um arco-íris é sempre algo emocionante. Nos nossos tempos atuais, parece que se busca a felicidade acima de todas as coisas. "O que eu quero é ser feliz", diz o funk popular. E a resposta de muitos jovens e adolescentes diante da pergunta sobre quais seus objetivos na vida. Vamos além: "ser feliz" também aparece na agenda de pessoas da terceira ou "melhor idade". Como se uma fase de nossa existência fosse, vai saber, melhor do que a outra.

Daí que o arco-íris pode significar, ou ao menos materializar, a busca por esta felicidade. E como a felicidade não existe, ver um arco-íris pode simbolizar

um instante em que estamos simplesmente felizes. No qual estaríamos, tais como os povos antigos, diante de um fenômeno da natureza (ou do Cosmos), em que realmente estivéssemos passando por ou sentindo alguma coisa mágica, mística, única e de certa forma imaterial.

Há também a lenda de que, no fim do arco-íris, há um pote de ouro. Como se, há ainda quem acredite mesmo, a fortuna trouxesse felicidade irremediável e absoluta. Dinheiro, dizem, não traz felicidade. Mas será que ajuda? Tentando brasileira, morfológica ou sociologicamente entender o conceito de felicidade, a equipe de pesquisa de Melissa foi atrás de pontos onde, dizem, as pessoas são felizes.

Fomos para a Costa Rica, país de clima tropical, onde a integração com a natureza se dá como turismo. Onde vulcões, lagos, matas e litorais virgens se conjugam sob o slogan "Pura Vida" (tipo um "Sorria, Você Está na Bahia"). De lá tiramos as cores, a intensidade carismática e prepotente dos fenômenos naturais, e a lição de sustentabilidade deste país que sempre tratou seu meio-ambiente como commodity e como sobrevivência. Infelizmente, quando chegamos a lugares como a famosa Península Nicoya e o vulcão Arenal, lidamos, pois, com implacáveis chuvas, estradas desmoronadas, e um astral que mal combinava com os simpáticos "tikos" (os locais). Pura vida. OK.

De lá voamos, com escala numa Londres em plena crise do euro, para a Tailândia, a terra dos sorrisos, como se fala desse



01 Um dos edifícios do templo da felicidade, em Bangkok, na Tailândia. 02 Em árvore, junto ao rio, amarrações de tecidos coloridos e ícones budistas, também na capital tailandesa. 03 No mercado ao ar livre de Chatuchak Road, mostruário de calções multicolor de muai-thai, o famoso boxe tailandês. 04 A modelo Daiane Conterato em look amarelo otimista, do desfile da marca Cantão, que apresentou coleção de Verão 2013 no Fashion Rio, realizado no Jóquei. 05 Detalhe da arquitetura de templo de Bangkok, visto da margem do rio.

06 MELISSA OPTICAL







01



02

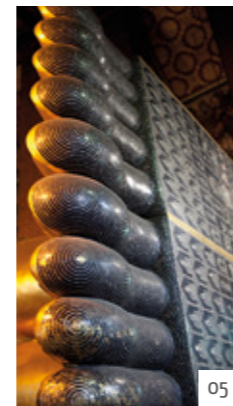


03

01 A rua principal de Bergen, cidade portuária da Noruega.  
 02 Manifestante na praça central de San José, na Costa Rica.  
 03 Detalhe de amarração de barco em Oslo, na Noruega.  
 04 Registro da imagem do grandioso Buda deitado, em Bangkok.  
 05 Pés do Buda deitado feitos em madrepérola, um dos mais importantes pontos de visitação da capital tailandesa.  
 06 Momento do desfile da marca Blue Man, no Fashion Rio, em maio último.



04



05

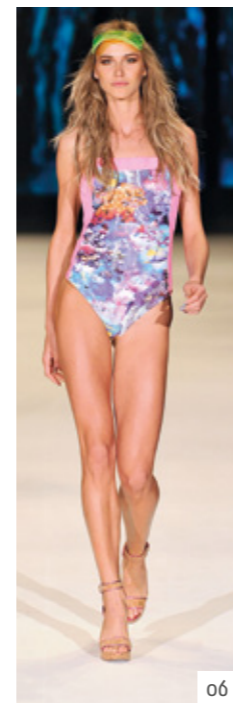
cativante país. Cores, templos, ouro, história. Bangkok como uma metrópole vibrante e sexy.

Será que encontramos, então, a tal da felicidade? Encontramos, então, o fim ou ao menos o início do arco-íris, do *nosso* arco-íris? Quase. Não fosse o fato de que a cidade de Bangkok estava inundando, sofrendo os efeitos de uma monção como há meio século a cidade não vivia. Simplesmente porque o homem ocupou o lugar onde antes havia campos de arroz agora com fábricas tecnológicas, que transformaram a Tailândia num país de economia competitiva. Onde a água das chuvas não escoar e invade a grande capital, entre seus canais e rios.

Evacuados, literalmente, seguimos para a Noruega. País de Primeiro Mundo. Lá, sim, as pessoas são felizes, garantimos os índices. Em Oslo, a chuva (sempre ela), o frio, a umidade, os fjords lindamente solitários, os custos altos, desafiavam nossos conceitos de "felicidade". Como ser feliz nessa terra de pouca luz, de pouco sol, de pouca gente, com todas as contas caras porque o próprio país é rico? Ué? Dinheiro não traz felicidade?

Descobrimos, in loco, por que Munch ali pintou seu "O Grito". E encontramos um dos pontos fundamentais para a pesquisa em que saímos em busca da felicidade. Que, mesmo com tanta chuva, não tivemos a **SORTE**

de nos deparar com sequer UM arco-íris. O que descobrimos é que a felicidade (ou a alegria) está relacionada à presença do sol e da luz. É um dia bonito, a luz solar, uma manhã fresca, ainda que fria, ou a sensação de nos sentirmos aquecidos que nos traz a felicidade. O êxtase diante de um arco-íris, de sua visão ou da expectativa de ver um delezinho num dia de garoa, perto do mar, transforma tudo, de novo, em algo especial. Assim pesquisamos Melissa Rainbow. Entendendo que não adianta viajar o mundo. Que a vocação da alegria e da "felicidade" está, com perdão do clichê, em nós. Com certa ajuda, vá lá, daqueles que amamos. E que nos amam.



06

MARCIO MADEIRA



01



02



03



04



BARRY HALE / CORTESIA WHITE CUBE

10



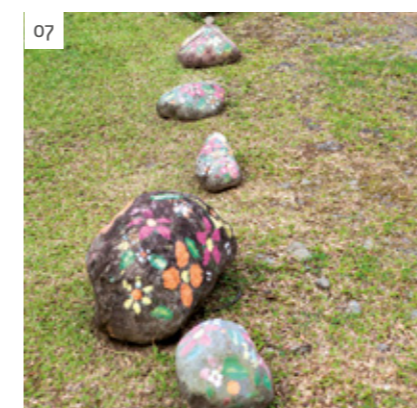
DIVULGAÇÃO

06

01 Entrada principal do mercado municipal de San José, na Costa Rica.  
 02 Tailandesa mostra por que o país é considerado a Terra do Sorriso.  
 03 Detalhe da decoração de barco no rio Chao Phraya, em Bangkok.  
 04 Imagem do Buda negro com oferendas em flores em templo de Bangkok, na Tailândia.  
 05 Fachada da escola maternal Pajol, em Paris, desenvolvida pelo escritório Palatre & Leclère, inteiramente colorida, da entrada às salas de aula.  
 06 Capa do DVD do filme "Xanadu" (1980), com Olivia Newton-John patinando em alto astral.  
 07 Caminho de pedras coloridas visto em estrada na Costa Rica.  
 08 A modelo Mariana Coldebella no desfile da marca Maria Bonita Extra, no Fashion Rio.  
 09 Gráfico de arquétipos e cartela de cor da coleção Rainbow.

10 MELISSA ARANHA HITS

11 MELISSA DANCE HITS



07

08



11

09

MARCIO MADEIRA





# Como encontrar seu arco-íris?

Texto  
Thiago Assan Piwowarczyk



Arco-íris duplo é visto em natureza aberta

“Depois da tempestade, vem a bonança”, diz o ditado, e eventualmente um arco-íris. Cruzando o céu como uma palheta de cores, imaterial e gigantesco, intriga por que nunca conseguimos passar por debaixo dele, ou achar seu fim,

e sempre parece um pouco diferente... Isso porque o arco-íris é um fenômeno que depende do ponto de vista, do ambiente onde ele está e para onde estamos olhando, assim como tudo no mundo das cores.

A luz do Sol viaja milhões de

quilômetros e atinge a atmosfera da Terra. Parte dessa luz espalha-se pelo céu, resultando no céu azul que não nos deixa ver as estrelas durante o dia. O resto ilumina o dia, num tom levemente amarelado. Mas essa é apenas a parte visível da

luz. Assim como nem tudo que reluz é ouro, nem todo amarelo é só amarelo. A luz visível é um pequeno fragmento no meio de todas as radiações no Universo.

Todas são ondas, cada uma com sua frequência, indo de energias pequenas, como ondas



de rádio e televisão, até raios-x e outras ondas altamente poderosas. No meio desse “espectro”, existe uma pequena faixa que nossos olhos podem ver. Chamamos de “espectro da luz visível”. Indo do vermelho ao violeta, essas são as cores que a evolução escolheu para vermos. No entanto, outros animais conseguem ver com radiações ultravioleta infravermelho.

O infravermelho é a luz que emana de um corpo quente, de energia menor que a luz visível. Já o ultravioleta é mais energético que a luz visível. Infelizmente, nunca vamos poder dizer qual é a cor do infravermelho, do ultravioleta ou de um raio-x, pois a natureza não nos equipou dessa maneira. Mas podemos ver todas as cores saindo de um arco-íris.

Cores se comportam de maneira diferente quando falamos de luz ou de pigmentos e tintas. As cores que vemos da luz, vemos diretamente (a luz do Sol, uma lâmpada, televisão etc.), mas as cores de pigmentos se comportam de maneira diferente.

Nós vemos de fato a cor que um objeto “não é”. Uma luz branca contém todas as cores possíveis, e quando ela rebate em uma superfície colorida e chega a nossos olhos, o que vemos é a cor que não foi absorvida pelo objeto. É por isso que você não consegue usar aquela roupa preta no verão, uma vez que o sol a esquenta muito mais. O preto não tem cor, pois absorve todas elas. Isso é chamado de “subtração de cores”. Em contraste, temos que a luz funciona com “soma de cores”, como a televisão, que pode usar vermelho, azul e verde para criar qualquer cor,

inclusive o branco.

A famosa capa do álbum “The Dark Side Of The Moon”, do Pink Floyd, já foi evocada mais vezes do que o necessário para mostrar como a luz se divide em suas cores componentes passando através de um cristal ou prisma. No caso da luz branca, ela se divide em todas as cores possíveis.

Isso acontece porque a luz reduz a sua velocidade dentro do cristal, e cada cor “freia” numa velocidade diferente e muda seu ângulo de acordo. O efeito se dá pela luz que se separa do outro lado, sempre na mesma ordem, no mesmo ângulo.

No caso do arco-íris, não temos um prisma. Mas temos o fim de uma chuva.

Para encontrar seu arco-íris é necessário que você procure condições bem específicas. Primeiro, é preciso um céu úmido, com gotículas de água ainda presentes no ar e condições atmosféricas que não deixem essa névoa dissipar.

Logo, é importante que não haja muito vento. A temperatura deve ser amena: fria o suficiente para não evaporar toda a água e quente o suficiente para não deixar as gotículas precipitarem. E, por fim, é importante o ângulo do Sol em relação a você e a névoa.

Por esses motivos, também vemos o arco-íris com outros significados, além das cores. É o resultado de um momento turbulento e poderoso como uma chuva ou tempestade, um instante efêmero em que, numa condição perfeita, a natureza abre suas mãos e nos mostra que, mesmo em algo simples como o branco, escondem-se todos os seus segredos.



# Por quê laranja?!

Texto  
Diogo Rodrigues

Inspirados pela coleção Melissa Rainbow, fomos aos dicionários de etimologia para descobrir de onde vêm os nomes das cores. Por que rosa, por exemplo? OK, essa é fácil: vem de uma flor que se

chama "rosa" desde os tempos de latim. Mas e o azul? Carmesim? E o que dizer do tal fúcsia? A resposta pode não estar na ponta da língua portuguesa. Nem sempre está no nosso idioma materno, aliás.

Alguns nomes são empréstimos, a maioria deles do grego e do latim. Mas também do árabe, do persa, e até mesmo do sânscrito. É uma lista cujo tamanho depende da quantidade de

tonalidades que você quiser incluir. Escolhemos as histórias mais interessantes para ilustrar o que há de arco-íris no dicionário. Você certamente vai se surpreender!

## azul

É uma cor de nome viajante. Chamava-se "lazward" em persa, passou pelo árabe com a adição do artigo "al", virou "azzurum" no latim medieval e tornou-se "azul" no português.

## bordô

Chamada assim por assemelhar-se à cor típica do vinho produzido na região de Bordeaux, na França. Esse processo de usar uma cor para um objeto chama-se "derivação por metonímia".

## carmesim

No árabe, chamava-se "qirmizi", que por sua vez deriva do também árabe "qirmiz", "encarnado". Daí a semelhança com a cor "carmim", que tem a mesma origem.

## dourado

É o nome dado àquilo que tem a cor do ouro, que em latim chamava-se "aurum". Assim como "prateado" vem da "prata" e "bronzado" de "bronze".

## escarlata

A história desta é longa. Em latim tardio, "sigillum" era uma imagem pequena. "Sigillatus", algo decorado com imagenzinhas. Passe esse termo pelo grego medieval e pelo árabe e chegue ao francês antigo "escarlata", palavra usada na época para qualquer tecido colorido.

## fúcsia

É a cor de uma flor descoberta pelo botânico sueco Leonhard Fuchs (1501-1566), de cujo sobrenome vem o termo. Daí a variante "fúchsia", que mantém a grafia original, com agá.

## grená

É o aportuguesamento do francês "grenat", que designa aquilo que tenha a cor da granada, uma pedra fina de cor vermelho-escura.

## índigo

Em grego, era "indikos", ou "indiano", referindo-se à tinta azul-escura retirada da planta de mesmo nome. Passou ao latim e, em seguida, ao português.

## jambo

Usado hoje para referir-se a peles bem morenas, o nome vem do sânscrito "jambu" e foi importado via hindi. É o nome de uma planta típica do sudeste asiático, de nome científico *Syzygium jambos*.

## laranja

É um nome vindo lá do Oriente. Em sânscrito, era "naranga". Virou "narang", em persa. Em árabe, que não tem som de "g", tornou-se "naranj".

## marrom

No francês, "marron" é o nome dado à castanha. O adjetivo, dessa maneira, é dado àquilo que tenha essa cor acastanhada. A origem é, provavelmente, de um termo anterior à colonização romana na região.

## naval

Do latim "navalis", ou "de navio, marítimo". Tornou-se o nome dado ao tom escuro do azul por conta de um uniforme da Marinha Real Britânica adotado no século 18.

## ocre

Os gregos chamavam essa cor de "okhra", nome com que passou ao latim e, então, às línguas latinas sem modificar-se muito. No francês antigo já era "ocre".

## púrpura

Na Grécia antiga, "porphura" era o nome do molusco que produzia a tinta avermelhada com que eram tingidos os tecidos.

## rútilo

O nome vem do mineral rútilo, um óxido de titânio usado como fonte para corantes. Quem o batizou foi o mineralogista alemão Abraham Werner (1750-1817), em 1803.

## salmão

Vem do latim "salmo". Apesar de a palavra ter sido escrita com "u" em diversos momentos (francês anglo-normando "saumoun", inglês médio "samoun"), a grafia eventualmente voltou ao original com "l".

## turquesa

É uma palavra bem francesa. Na língua antiga, era "turkeise", vindo de "turqueis", referindo-se a uma pedra turca.

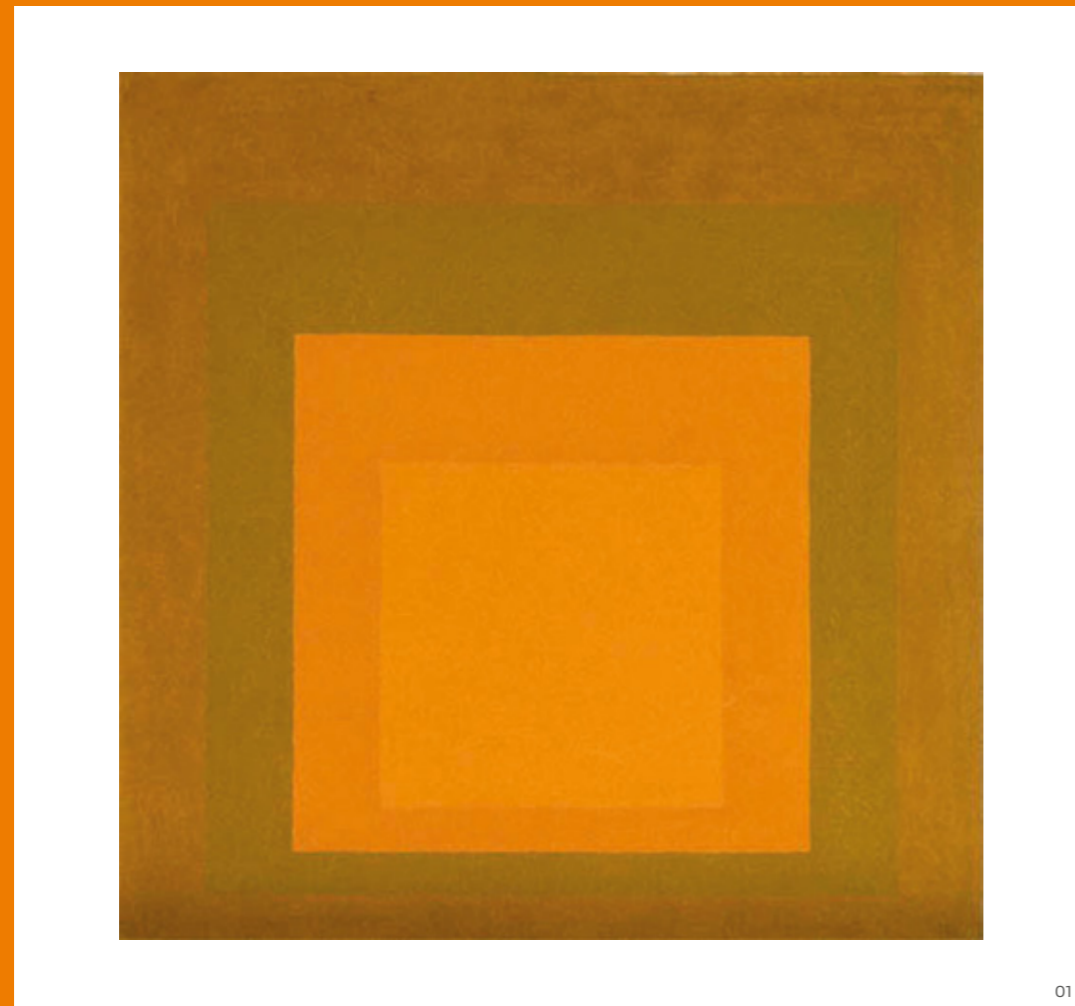
## urucum

É a mais brasileira das cores deste dicionário PLASTIC DREAMS. Vem do tupi "uruku", nome de uma árvore nativa das regiões tropicais das Américas. É dela que vem o corante avermelhado usado para pintar a pele.

## vermelho

Não é coincidência que a palavra se pareça com "verme". A origem é justamente esta: vem do latim "vermiculus", ou seja, um pequeno verme.

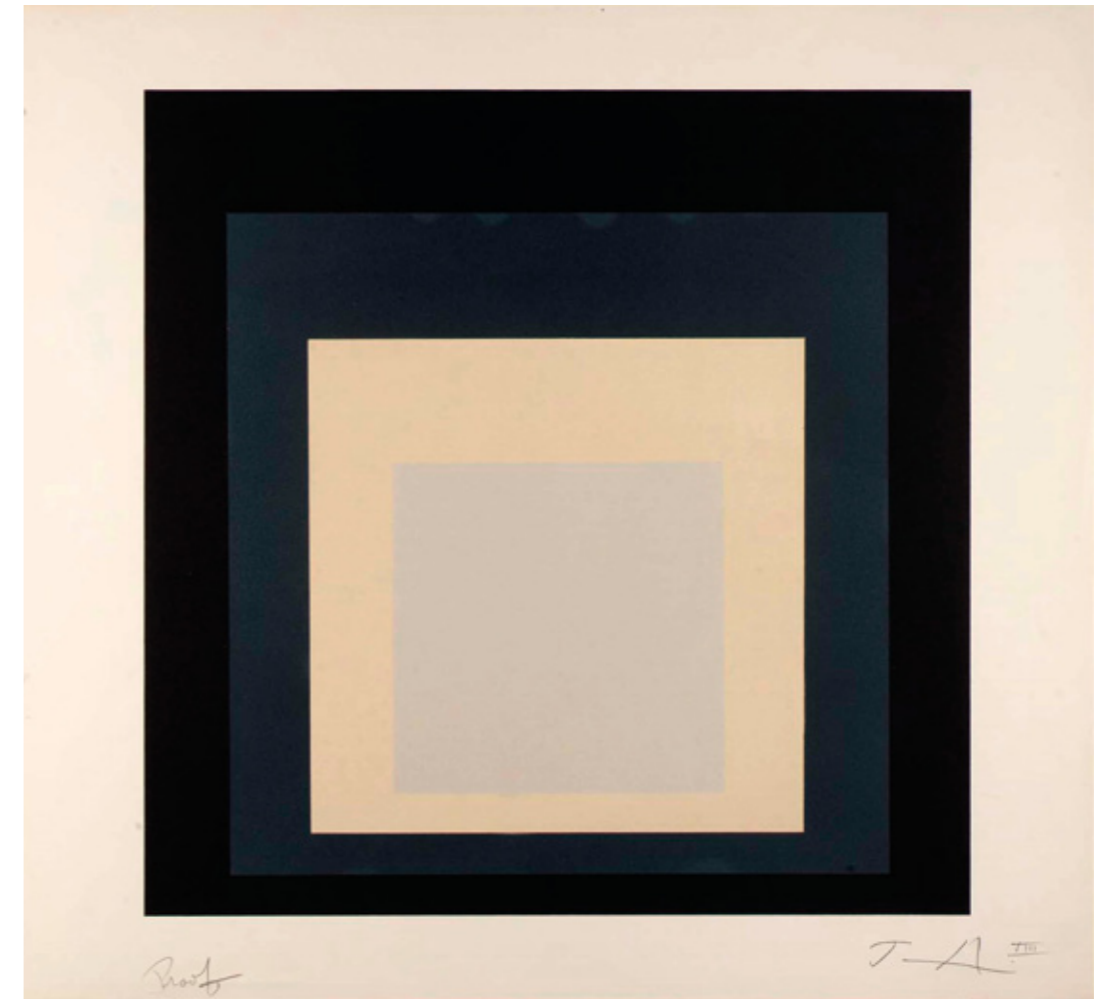




01

# Famosas, históricas e clássicas

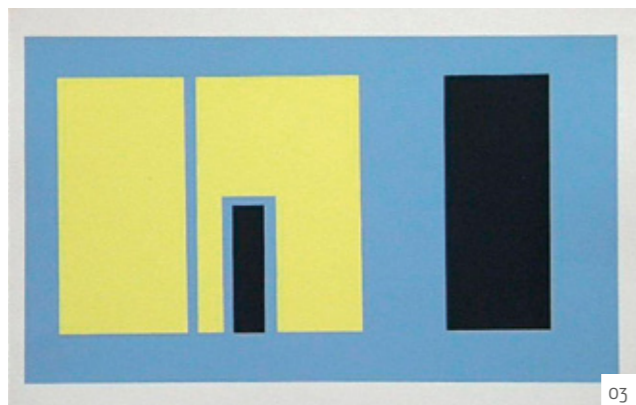
Texto Juliana Monachesi  
Fotos Divulgação



02

ALGUMAS TONALIDADES DE CORES SÃO TÃO EMBLEMÁTICAS QUE SE TORNARAM REFERÊNCIA PARA A ARTE E PARA A MODA. O AZUL DO FRANCÊS YVES KLEIN, CRIADO PELO ARTISTA NOS ANOS 60, É USADO E É IMPORTANTE ATÉ HOJE. O MESMO VALE PARA O FAMOSO VERMELHO DO ESTILISTA VALENTINO E O CARACTERÍSTICO ROSA DAS ROUPAS DE ELSA SCHIAPARELLI. ENTENDA COMO UMA COR ENTRA PARA O PANTEÃO DA CULTURA E COMEÇA A FAZER PARTE DO ZEITGEIST.





03



04

ALGUÉM PODE PATENTEAR UMA COR? CORRE NA CORTE FEDERAL DE APELAÇÃO, NOS EUA, UM PROCESSO PARA JULGAR SE YVES SAINT LAURENT PODE OU NÃO COMERCIALIZAR SAPATOS DE SOLA VERMELHA. QUEM MOVE A AÇÃO É CHRISTIAN LOUBOUTIN, QUE REGISTROU NO PAÍS O TOM DE VERMELHO DE SEUS FAMOSOS SAPATOS. A LEGISLAÇÃO VARIA DE UM PAÍS PARA OUTRO, MAS EM GERAL NÃO É POSSÍVEL PATENTEAR CORES, JÁ QUE ELAS NÃO SÃO PROPRIEDADE DE NINGUÉM.



05



06

Louboutin são "chinese red". Quem tem mais razão?

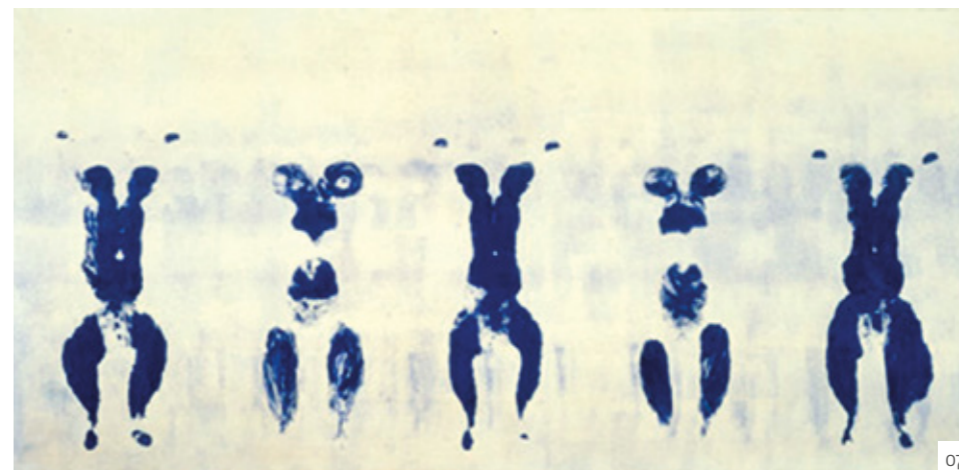
Red Valentino, Tiffany Blue, Schiaparelli's Shocking Pink, Veuve Clicquot Yellow, International Klein Blue, Bondi Blue iMac. Imagine se todos estes tons saíssem de circulação por serem marca-registrada de seus respectivos criadores? Em algumas centenas de anos, provavelmente estaríamos condenados a viver num mundo cinza. Eis uma cor que ninguém quer patentear, aliás. Cinza.

Para ordenar essa engenharia da cor, muitos sistemas já foram

criados, e livros, escritos. É o caso de Goethe e de seu diagrama de proporção de cor, e também de Josef Albers \_ artista que usava matematicamente à perfeição as cores em seus quadros e que escreveu um tratado sobre a interação entre elas. Além deles, David Batchelor, outro alquimista do uso da cor na arte contemporânea (*leia entrevista com o artista à página 44*).

Mas nenhuma ciência explica o fascínio que o azul inventado pelo artista francês Yves Klein (1928-1962) exerce até hoje. Utilizado em seus monocromos,

assim como nas telas performáticas \_ ele pintava o corpo das modelos de azul e elas imprimiam a forma do corpo na tela, coreografadas por Klein\_, o Yves Klein Blue foi desenvolvido pelo artista e seus assistentes, com formação em química. Ele queria obter uma tinta com o mesmo brilho e intensidade do pigmento seco, e para isso os químicos desenvolveram uma suspensão de pigmento em resina sintética clara, e foi este processo de suspensão o que se registrou na patente do YKB (Yves Klein Blue).



07



09



08

Patentes à parte, no mundo das cores não há reconhecimento maior do que ter registro especial na Pantone. O Tiffany Blue, aquele azul clarinho das caixas das joias mais cobiçadas do mundo, ganhou número de registro especial, derivado do ano em que a marca foi fundada, em 1837. E o tom de cerúleo específico é produzido como cor customizada particular.

Outras cores que caíram nas graças da mais importante fabricante de "color charts" do planeta, a Pantone, foram o Ferrari Red, o Barbie Pink e

o rosa choque. Esse rosa foi batizado assim porque era a cor das letras na caixa do perfume Shocking, criação de Leonor Fini para a designer de moda Elsa Schiaparelli em 1937. A tonalidade inventada por Schiaparelli foi inspirada em um diamante da Cartier chamado Tête de Bélier ("Cabeça de Carneiro"), que pertencia a um cliente da designer chamada Daisy Fellowes.

Tanto o azul Klein quanto o Barbie Pink e o turquesa Tiffany são clássicos. Como tais, vão estar sempre na moda.



10

01, 02 e 03 Obras da série "Homage to the Square" ("Homenagem ao Quadrado"), do alemão Joseph Albers (1888-1976), iniciada em 1949 e pintada a óleo sobre masonite. Ele usava matematicamente e à perfeição as cores em seus quadros, e escreveu um tratado sobre a interação entre elas.

04 O amarelo característico do champagne francês Veuve Clicquot, visto aqui em ombrelones, num restaurante.

05 "Pratone", uma brincadeira com a cartela de cores da Pantone, o mais importante fabricante de "color charts" do mundo.

06 Embalagem tradicional da Tiffany's.

07 Obra do francês Yves Klein, "Anthropometry 85", de 1960, parte de uma série de performances assistida por cem convidados, em que mulheres eram pintadas de azul e seus corpos depois encostados em papéis, nas paredes (08).

09 Obra de Klein (1928-1962), considerado o líder do Novo Realismo francês na arte.

10 "A Árvore, Grande Esponja Azul" (1962), obra de Yves Klein, com seu famoso azul.

11 Sapato do francês Christian Louboutin, que patenteou em seu país o vermelho do solado que aparece em todas as suas criações.



# SONHAO COLORIDO

SETE MENINAS, SETE CORES DO ARCO-ÍRIS, E A NOVA COLEÇÃO DE VERÃO 2013 DA MELISSA. PARA TODOS OS GOSTOS E ETNIAS.

DIREÇÃO CRIATIVA **EDUARDO JORDÃO DE MAGALHÃES**  
FOTOS **SANDRINE DULERMO** E **MICHAEL LABICA**  
DIRETOR DE MODA **NEIL STUART** | EDITORA DE MODA **CHERYL KONTEH**  
MAQUIAGEM **IRENA ROGERS @ YSL** | CABELO **GARY GILL @ WELLA PROFESSIONALS** | ASSISTENTE DE CABELO E COLORISTA **BROOKE VENABLES**

Alguns produtos podem sofrer distorção de cores ou não serem disponibilizados para comercialização.

VEJA O MAKING OF NO [YOUTUBE/MELISSACHANNEL](https://www.youtube.com/channel/UC...)

**Diana** (peruca laranja) usa vestido amarelo **PHILIP LIM** | **Kate** (peruca roxa) veste top azul e saia **TOPSHOP** | **Tiara** (peruca pink) veste top prata **ALEXANDER WANG** e saia vintage | **Mira** (peruca verde) usa vestido azul **VERSUS** e forro de saia **PAUL SMITH** | **Sharmira** (peruca fúchsia)

usa vestido branco e rosa **TOPSHOP** | **Natalie** (peruca azul) com vestido de renda **VIVIENNE WESTWOOD** | **Georgina** (peruca amarela) veste look prata **ASHISH** e forro de saia vintage | Todas usam **MELISSA PRISM**







Tiara (à esq.) usa MELUSSA SKY | Mira usa MELUSSA SKY GUTTER | Ambas vestem looks vintage de coristas | Natalite veste CHRISTOPHER KANE | MELUSSA PRISM













Diana (peruca laranja) usa MELISSA DANCE HITS | Tiara (peruca pink) usa MELISSA ARANHA U | Natalie (peruca azul) usa MELISSA VARN | todas vestem lingerie ID SARRIERI

ASSISTENTES DE MAQUIAGEM LAURA BARROW E BIANCA PEREIRA | MANICURE STEPH MENDIOLA | MODELOS TIARA YOUNG, GEORGIA SALAMAT, SHARMINA HARROWER, | DIANA SAR, KATE PARNELL, NATALIE | ARCHER E MIRA VACLAVOVA @ STORM MODELS



# Beleza caleidoscópica

Texto  
Ilana Rehavia  
Fotos  
Pedro Ferrara



Retoques finais em Kate Parnell antes de começar o shooting da capa desta edição

Foi um dos ensaios fotográficos mais ambiciosos da história da PLASTIC DREAMS. Para celebrar o espírito multicolorido desta edição, nós juntamos sete modelos de diferentes países, da Grã-Bretanha à Romênia, da Austrália à Eslováquia e Estados Unidos. Complementando perfeitamente esse caleidoscópio de etnias e visuais, o cenário criado pelo casal de fotógrafos franceses Sandrine Dulermo e Michael Labica transforma o estúdio em um sonho em tons pastel.

Até mesmo para uma equipe experiente, coordenar sete

modelos em um photo shoot é um desafio logístico que não pode ser subestimado. Imagine preparar sete cabelos, maquiar sete rostos (isso são 14 olhos, gente!), pintar 140 unhas e pendurar um exército de roupas, tudo isso durante um único dia e sem esquecer a importante parada para o almoço.

Com um time afiado, porém, a família Plastic Dreams faz o dia fluir perfeitamente. Enquanto algumas meninas têm os cabelos escovados e preparados, outras são maquiadas ou fazem as

unhas. Assim que uma modelo fica pronta, é hora do toque mágico do editor de moda Neil Stuart e da diretora de moda Cheryl Konteh, munidos de uma seleção maravilhosa de roupas e acessórios. “É um momento para se divertir e brincar de se vestir. Hoje não há regras, só fantasia e Melissa”, diz Stuart.

Indiferente a toda essa loucura, o cocker spaniel dos fotógrafos passa a maior parte do dia dormindo em uma das luxuosas cadeiras antigas trazidas para compor o set. Mais adiante, o mestre dos cabelos, Gary Gill, perfeccionista como sempre,

trabalha meticulosamente nos ajustes finais às excêntricas perucas que criou especialmente para as páginas da revista. “Esse ensaio tem um clima de sonho. Minha ideia com as perucas é ter volume, textura e um visual feminino, mas com um pouco de ousadia.”

Várias horas depois, chega o momento de encerrar mais um dos malucos e maravilhosos dias que fazem a trajetória da Plastic Dreams. Exaustos, mas felizes. No estúdio, todos concordam que o resultado fala por si só. E você?

## Quem é quem

### KATE PARNELL

O gosto dessa londrina muda o tempo todo e ela passa por fases, como a época em que só usava roupas da cor turquesa. “No momento, minhas tonalidades favoritas são um verde exuberante, um belo amarelo e um laranja ensolarado.”

### GEORGIA SALAMAT

A modelo inglesa de Sheffield sempre foi feminina e apaixonada por rosa. “Ele me inspira, pois é uma cor forte, vibrante e feliz.”

### SHARMINA HARROWER

Criada em Londres, a modelo é grande fã do cinza desde pequena, quando as outras crianças estavam interessadas em rosas e azuis. “Amo essa cor e tenho várias roupas e objetos cinza.”

### NATALIE ARCHER

Apesar de a modelo de Sidney, Austrália, não ser muito chegada a coisas extremamente femininas, sua cor favorita é o rosa. “Não sei exatamente o porquê, mas eu gosto tanto da cor que até pintei uma parede do meu quarto de rosa.”

### MIRA VACLAVOVA

Nascida na pequena cidade de Partizanska, na Eslováquia, a modelo tem seu guarda-roupa em preto e branco. “Mais fácil”.

### DIANA SAR

De Bucareste, Romênia, ela adora todas as cores do arco-íris, mas só se elas forem fortes e vibrantes. “No momento, estou apaixonada por vermelho, laranja, verde e violeta.”

### TIARA YOUNG

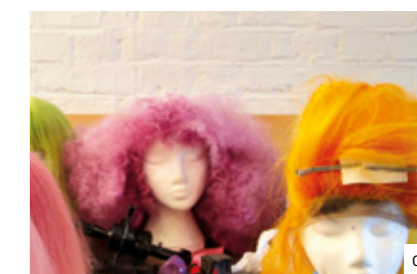
A modelo americana de Michigan cresceu em um mundo cor-de-rosa e até hoje adora a cor. “Sempre estive cercada de rosa, meu quarto de criança era todo dessa cor, então ela acabou sendo a minha preferida.”



01



03



04



05



02

01 No alto da escada, Sandrine Dulermo orienta o set.  
02 Sala de maquiagem do estúdio em Londres, onde foram feitas as fotos.  
03 Steph Mendiola prepara a modelo Sharmina para o shooting.  
04 As perucas concebidas especialmente para Melissa por Gary Gill e tingidas pela colorista Brooke Venables.  
05 As roupas da produção.



# Das cartelas e seus modismos moda

SÍMBOLO DE OTIMISMO E ÍCONE MÁXIMO DA DIVERSIDADE, ARCO-ÍRIS E SUAS CORES INSPIRAM ESTILISTAS E LANÇADORES DE MODA QUE, RARAMENTE, CRIAM PEÇAS FASCINANTES.

Textos **Sergio Amaral**  
Fotos **Marcio Madeira**



Final do desfile de Verão 2009 da marca Amapô no São Paulo Fashion Week

Quem assistiu a “O Diabo Veste Prada” não se esquece da cena em que a editora Miranda Priestly dá um baile na sua assistente Andrea, quando ela ri em meio à aparentemente fútil escolha de um cinto para um dos shootings da revista. “Algo engraçado?”, pergunta a vilã, em tom de quem não achou a menor graça na reação da assistente. “Ah, entendi... Você acha que isso não tem nada a ver com você. Você abre o seu guarda-roupa e pega, sei lá, um suéter azul todo embolado porque você está tentando dizer ao mundo que você é séria demais para se preocupar com o que vestir”, começa, dando sequência a um monólogo de alguns minutos, em que explica tintim por tintim de onde veio o tal azul. Ou melhor: azul, não. O “cerúleo”, um tom da cor que teria monopolizado toda a cartela de uma coleção de Oscar de la Renta e tingido também uma jaqueta militar de Yves Saint Laurent, antes de invadir lojas de departamento e virar item de liquidação, até chegar ao guarda-roupa de Andrea.

A cena da ficção nem corresponde à história de fato. A tal coleção azul de “De la Renta” não existiu e Yves Saint Laurent até tinha paixão por um certo azul cobalto, mas a anedota ilustra bem como funcionam as engrenagens da moda.

“Há muitas empresas (bureaux) especializadas em indicar novas tendências de cores”, completa Marcelo Castelão, diretor-presidente da La Estampa, que cria e produz tecidos e estampas. “O mercado externo também influencia muito o caminho que as cores seguirão. O mundo das cores também é cíclico, igual ao mundo da moda. A cor que não está em alta numa estação tem possibilidade de voltar com tudo na próxima”, afirma.

Quais as cores do verão 2013? Para a equipe da La Estampa: os tons de fluo, pêssego e melancia, azuis royal e cobalto, brancos e off whites. A gama de azuis mais claros, como turquesa e piscina, também são grandes apostas. Andrea Bisker divide a cartela do verão 2013 em temas. As “místicas”: branco manchado e cores “bleached” do verde musgo ao rosa chá, gelo e azul marinho; as “aquareladas”, do rosinha ao turquesa, passando pelo amarelo, azul e verde; os “terrosos”, como folha, vinho, ocre e tijolo, e as “artificiais”, contrastando cores pop, como roxo, verde, azul e pink iluminados.

“Somos estimulados por pesquisas visuais e de dados

e conseguimos chegar a três temas que vão guiar o comportamento do consumidor nos próximos dois anos”, explica Andrea Bisker, diretora do WGSN América Latina, portal referência em tendências que atende mais de 10 mil marcas ao redor do mundo, entre elas Melissa, Adidas, Sony Ericsson, Nickelodeon e Levi Strauss & Co. “A partir daí pensamos a cartela de cores de cada temporada, que depois se especializa por segmentos, como feminino, masculino, infantil etc.”



# Rainbow fashion: #osestilistasamam



Final do desfile de Alexandre Herchcovitch, em 2003, em Paris

As cores estão para a moda assim como os temperos para a gastronomia. São elas que emprestam vibração e temperatura ao look, que pode ir do apimentado ao doce, passando pelo inosso ou amargo, quando a escolha não é das mais felizes. Vem dessa importância das cores e tonalidades, então, o fascínio que o arco-íris, representante máximo delas em estado bruto (luz), exerce no Planeta Fashion e na humanidade em geral.

Move cineastas, performers, estilistas e suas coleções. A lista é extensa e vai de Amapô a Alexander McQueen (1968-2010), passando por Alexandre

Herchcovitch e Jeremy Scott, Matthew Williamson e Christopher Kane. O resultado final é, com frequência, tão encantador quanto a própria fonte de inspiração original. Basta olhar nestas páginas para concordar.

Duas destas mais recentes manifestações "arco-irísticas" na moda surgiram nas mais recentes temporadas de Nova York e Londres, na bem-humorada apresentação do inverno 2012 de Jeremy Scott e no lançamento da coleção resort de Christopher Kane, um dos celebrados nomes da nova moda inglesa.

Com uma primeira fila que juntava as cantoras Nicki Minaj

e Sky Ferreira, a web-celebrity Cory Kennedy (Lady Gaga e Katy Perry não foram, mas são outras fãs do trabalho do estilista), Jeremy Scott colore a passarela com todo o espectro de cores do arco-íris, brincando de listras e tecidos holográficos multicoloridos, embalados em roupas no melhor estilo disco anos 70 encontra clubber dos 90. :-) Energia & alto-astral!

O trabalho do inglês Christopher Kane não é tão divertido assim, mas não fica muito atrás quando o assunto é inventividade. Foi olhando para tecidos refletivos e prismas como o da capa do álbum "The Dark

Side of The Moon", da banda Pink Floyd, que ele lançou sua coleção resort 2012, apresentando vestidos, bolsas e casacos que reproduzem todo o espectro de cores da luz, em lindos efeitos de degradê. E sabe quem tem um vestido desta coleção? A top Alessandra Ambrosio, capa da "Plastic Dreams" anterior, a número 7. Supercool.

E o que dizer do estonteante look de Alexander McQueen, desfilado pela brasileira Michelle Alves, em seu verão 2008. Nada literal nas suas referências e citações, o estilista tomou como ponto de partida a jornada de uma

náufraga lançada por acidente em uma ilha tropical e sua evolução de pirata à deusa amazônica. Mestre em construir imagens impactantes e das quais não esquecemos jamais, o inglês voltou ao mundo dos arco-íris algumas vezes em sua trajetória, sempre evocando um quê de Ave do Paraíso, como em seu verão 2008, uma homenagem ao glamour extremo e a sua amiga Isabella Blow.

Matthew Williamson, outro famoso estilista da terra da rainha Elizabeth 2ª, é conhecido por seu trabalho ultrafeminino e sexy e também encontra seu pote de ouro olhando para o fenômeno em seu verão 2005. As peças, desfiladas na coleção, não escondem nem disfarçam. Elas gritam ARCO-ÍRIS em degradês e estampas quase literais, para não deixar dúvida no ar.

Aqui no Brasil, um dos criadores a trazer esse elemento às passarelas é outro talentoso expoente da moda, o estilista Alexandre Herchcovitch, que emocionou a plateia do São Paulo Fashion Week do verão 2003. A coleção, desfilada sob o momento de assombro do mundo pós 11 de Setembro, evocava ingenuidade, alegria e romantismo infantis, misturando surfwear e skatewear, mencionando ainda Meu Pequeno Pônei, Ursinhos Carinhosos, Teletubbies e Rainbow Bright, alguns personagens emblemáticos deste mundo colorido.

O efeito arco-íris entrou para a história do evento em outras duas ocasiões. Uma em seus primórdios, dos tempos em que se chamava Morumbi Fashion e, na marca de Glória Coelho, simplesmente G. Na elogiada coleção do verão 2001, Glória desfilou uma série

de criações high-tech ainda assim poéticas, brincando com diversos tons e cores que tingiam a passarela conforme as modelos passavam por um cilindro de arcos de metal.

Mais recentemente, coube às meninas da Amapô, Carolina Gold e Pitty Taliani, formar um arco-íris na passarela do SPFW, surpreendendo fashionistas e amigos com uma coleção sem nenhuma estampa (a principal característica de seu estilo), onde looks monocromáticos

ou em dois ou três tons de uma mesma cor reinavam, em inteligentes modelagens que evocavam cristais e formas geométricas tridimensionais. "Na época, a gente não tinha modelista. E eu e a Pitty fizemos, era uma roupa que dependia muito de matemática, de Pitágoras, de fórmulas", conta Carô. "O desfile era isso: modelagem e cor. É um dos meus favoritos! Essa coisa das cores é muito emocionante. É a mesma coisa quando você vê um arco-íris", finaliza.

01 Look de Jeremy Scott, Verão 2012.

02 Coleção Resort 2012 de Christopher Kane.

03 Daria Werbowy no Verão 2005 de Matthew Williamson.

04 Michelle Alves no Verão 2008 de Alexander McQueen.

05 A brasileira Vivi Orth com criação em penas do estilista inglês Alexander McQueen, Verão 2003.





# Xanadu: garotas sobre rodas

Texto **Sabrina Duran**  
Fotos **Divulgação;**  
**Flavio Teperman (Paola Klokler)**  
e **Juliana Nallini (Camila Cutolo)**

Nas ladeiras de asfalto liso do Parque do Ibirapuera, em São Paulo, é comum ouvir, todos os dias, o deslizar suave das rodas de skates e longboards do pessoal que pratica o esporte por ali. De quando em quando, a suavidade é entrecortada pelo áspero som de slides e outras manobras que exigem uma derrapagem abrupta ou saltos. Quem pensa que são os meninos os únicos autores desses movimentos mais agressivos terá uma surpresa ao constatar que as meninas não se intimidam nem um pouco em realizar manobras arriscadas. E, se ainda não são maioria, não ficam muito atrás do número de meninos que andam atualmente de skate e longboard.

Também no Ibirapuera, só que embaixo da marquise, outras meninas deslizam sobre rodas. Dessa vez, as rodas são oito, quatro em cada pé e enfileiradas. São os patins inline, sucessores dos antigos patins com rodas paralelas, febre nos anos 80.

Assim como os patins, o

skate e o longboard têm mais de quatro décadas de história no Brasil, e sua prática sempre esteve, majoritariamente, ligada ao sexo masculino. Hoje, porém, esses esportes são cada vez mais procurados por meninas.

As razões para isso vão desde a quebra do estereótipo de que há atividades físicas “só de meninos” e “só de meninas” ao aperfeiçoamento dos equipamentos de segurança, ao surgimento de bons lugares para a prática, aos benefícios que o exercício traz para a saúde e, é claro, à busca por emoções mais fortes.

Entrevistamos quatro garotas que sabem se divertir e ganhar a vida sobre rodas. Quem sabe esse não é um incentivo para você começar a deslizar por aí?

## DO QUINTAL PARA O GUINNESS

Foi no início da década de 90 que Fabíola da Silva, aos 12 anos, começou a se equilibrar sobre os patins, daqueles antigos, que ganhou de presente dos pais. A princípio, andava dentro de casa, segurando-se

em janelas e grades. Evoluiu para o quintal, depois para a marquise do Ibirapuera e, quando ficou mais “atrevida”, como ela diz, foi caçar pistas desafiadoras. “Evoluí muito rápido e comecei a participar de campeonatos locais, ganhando todos”, conta Fabíola, hoje com 33 anos, oito títulos mundiais conquistados, inúmeras medalhas, troféus e o nome constando entre as melhores atletas do mundo.

Fabíola foi descoberta em 1995 pelos norte-americanos Chris Edwards e Arlo Eisenberg, campeões de patins, à época, do X-Games \_olimpíada mundial de esportes radicais. Eles estavam no Brasil para participar de um evento e a viram numa pista na Zona Norte da cidade. O estilo agressivo e as manobras altas de Fabíola, que se destacava mesmo entre os meninos, chamou a atenção dos americanos. Seis meses depois, ela recebeu um convite para participar do X-Games.

Na cidade americana de Rhode Island, com apenas

**PLASTIC DREAMS  
CONTA COMO É A VIDA  
DE QUATRO JOVENS  
QUE ROMPEM COM O  
ESTEREÓTIPO DE QUE  
ESSE UNIVERSO É COISA  
DE MENINOS: ELAS  
SABEM MUITO BEM  
COMO SE DIVERTIR E  
GANHAR A VIDA EM  
MOVIMENTO, COM  
ESTILO, CHARME E  
PERSONALIDADE.**



01



02

**01** A patinadora Fabíola da Silva, que é sempre reconhecível na pista com seu visual característico: regata com as costas nadador, cinto preto e jeans skinny da mesma cor; acima do cós da calça sobressai a cintura do underwear, com estampas coloridas \_ o pink é a cor predominante. Ela tem oito títulos mundiais, inúmeras medalhas, troféus, e o nome constando entre as melhores atletas do mundo.

**02** A skatista Emy Sato em uma manobra. Ela prefere usar tênis adequados para o esporte, além de legging ou skinny, que lhe dão mais liberdade de ação. Para ela, o skate é sempre se desafiar e superar seus próprios limites.



16 anos, a atleta venceu seu primeiro campeonato mundial, e a partir de então colecionou sucessos. Venceu todos os X-Games dos quais participou. Por conta disso, entrou para o Guinness Book como recordista feminina em medalhas de ouro na competição.

Embora as conquistas de campeonatos e recordes saltem à vista, o que mais importa para Fabíola, desde seus primeiros movimentos sobre os patins até hoje, é a paixão pelo que faz e a possibilidade de se divertir sempre, até mesmo quando compete. “Tem

que se divertir e gostar daquilo que está fazendo. O restante é consequência de muito treino, diversão e dedicação. Deixe que as coisas aconteçam naturalmente. Vai patinando e se divertindo, que tudo se encaixa certinho”, aconselha a atleta.

#### DOMÍNIO E DESAFIO

Como um primo maior do skate, o longboard costuma ser o preferido entre as meninas que curtem um shape. A variedade de tipos de long acaba sendo mais democrática ao atender as praticantes em suas necessidades específicas \_há longs para desenvolver

altas velocidades, para manobras agressivas e para descidas com curvas, por exemplo.

Há dez anos, a jornalista Emy Sato, 24, ganhou um longboard de um amigo. Começou a andar no Parque do Ibirapuera e não parou mais. “O long é suave, requer pouca técnica”, diz Emy, que adora as ladeiras do parque, mas já se aventurou por descidas bem maiores, como a da estrada de 6 km que leva ao Pico do Jaraguá, durante um evento fechado.

Conforme foi dominando a técnica do esporte, a jornalista sentiu falta de desafios. Migrou

para o skate, que considera mais difícil, por ser mais técnico. “Quando você tira uma manobra diferente é uma superação. Skate é isso, é superar os próprios limites”, conta Emy, que hoje frequenta pistas que oferecem mais possibilidades de manobras.

A jornalista/skatista se preocupa em usar tênis adequados para o esporte, além de legging ou skinny, que lhe dão liberdade de movimento. Por colocar muitas vezes as mãos no chão em algumas manobras, ela evita usar anéis. Como se vê, estilo também conta aqui.

## PAOLA: SEM QUERER PARAR QUIETA.

Aos sete anos, Paola Klokler não queria parar quieta. Pedia à mãe que a matriculasse em algum esporte, algo que a fizesse se exercitar e sair da rotina. A mãe a levou ao médico, e ele recomendou a natação. “Todo médico acha que pessoa com deficiência tem que fazer natação”, diz Paola, em tom de brincadeira. Por conta de uma má formação congênita, Paola nasceu sem a perna esquerda. Mas isso não era nenhum impedimento, e lá foi a pequena para a água. Três anos depois, um colega da natação lhe indicou o basquete sobre rodas. “Basquete sobre rodas?!” questionou Paola, torcendo o nariz para a ideia. Ela não precisava de cadeira de rodas, usava prótese e caminhava muito bem com ela. A cadeira era quase uma afronta. Mas a condição era aquela,

expôs o amigo. Tinha que ser sobre rodas.

A mãe de Paola gostou da ideia e levou a menina à ADD, em São Paulo \_ Associação Desportiva para Deficientes. Muito a contragosto, Paola foi. “Eu tinha preconceito em relação à cadeira”, revela. Só que o preconceito acabou logo. Paola começou a jogar no time infantil, aperfeiçoou-se e hoje faz parte do time profissional ADD Magic Wheels. Aos 21 anos, a atleta já contabiliza uma década no esporte e competições internacionais no currículo. Foi vice-campeã da Copa América em 2009, na Guatemala; em 2010, disputou o Campeonato Mundial em Birmingham, na Inglaterra. Agora Paola treina forte para fazer bonito nas Paraolimpíadas de Londres. E certamente fará! Ela já é uma vencedora.



## CAMI PATINADORA

A estilista Camila Cutolo, 36, é uma apaixonada pela patinação e por todo o visual do esporte. “Sou a favor da fantasia. Coloco faixinha, viseira, eu me divirto”, diz. Depois de uma década no comando do estilo da marca Maria Garcia, ela agora assume a marca Wonder, da Alcaçuz. “Não faço mais desfile. Quero ter tempo para patinar à tarde”, justifica a designer, que já fez aulas numa quadra de taco e hoje em dia treina em parques e até na garagem de casa.

Camila recomenda patinar em turma. “É muito mais legal, e você se sente mais confiante até para usar um look mais ousado”, brinca. E ela segue, praticando: “No rollerblade já sei andar, no derby ainda estou treinando ficar em pé, é um verdadeiro sabão!”



## Onde praticar

(SKATE, LONGBOARD OU PATINS)

### SÃO PAULO

#### Iniciantes

Parque do Ibirapuera:  
[www.parquedoibirapuera.com](http://www.parquedoibirapuera.com)

Parque Villa-Lobos:  
[www.ambiente.sp.gov.br/parquevillalobo](http://www.ambiente.sp.gov.br/parquevillalobo)

#### Iniciadas

Parque Cidade-Escola da Juventude Città Di Marostica: [www.saobernardo.sp.gov.br](http://www.saobernardo.sp.gov.br) (vá ao link Cidades e Praças, no canto inferior esquerdo do site) Parque Jacuí:  
[www.ecotiete.org.br/parquejacui](http://www.ecotiete.org.br/parquejacui)

### Rio de Janeiro

[www.rioinline.com.br](http://www.rioinline.com.br)

### Belo Horizonte

[www.academiadospatins.com](http://www.academiadospatins.com)

AS MENINAS DESTA REPORTAGEM RECOMENDAM PARA QUEM QUISER ADERIR AO LONGBOARD, AO SKATE, AOS PATINS OU AO BASQUETE SOBRE RODAS: TEM QUE DAR A CARA PRA BATER, SEM VERGONHA DE CAIR. E MAIS DO QUE TUDO, MANTER A PAIXÃO PELO QUE FAZ.



Um dos mais influentes ilustradores de hoje  
compartilha com a gente sua visão do arco-íris.

Ilustração Olaf Hajek  
[www.olafhajek.de](http://www.olafhajek.de)







01



O MEDO DE SER CORROMPIDO OU CONTAMINADO PELAS CORES (CROMOFOBIA) INTERFERE DESDE A GRÉCIA ANTIGA NA PRODUÇÃO CULTURAL. ADMIRAMOS A BELEZA DAS CORES, POR EXEMPLO, NOS PAÍSES ASIÁTICOS, PRESENTE DA ARQUITETURA ÀS VESTES TRADICIONAIS, MAS O EXCESSO DELAS PODE SER LIDO COMO KITSCH OU VULGAR.

Texto Duda Porto de Souza  
Fotos Cortesia Galeria Leme / Cortesia do artista

Coube ao artista plástico e escritor escocês David Batchelor, 57, analisar esse preconceito sob uma ótica contemporânea. Disponível em língua portuguesa pela editora Senac, o livro "Cromofobia" (2000, 144 páginas) é essencial para qualquer criador que queira fazer uso significativo da cor.

Escultor renomado, seus trabalhos são construídos, em grande parte, a partir de objetos baratos de cores saturadas, mostrando como a cor no ocidente está presente na ralé do espectro cultural. Em entrevista à **PLASTIC DREAMS**, David Batchelor dá dicas a profissionais que querem começar a explorar a cor, fala sobre a São Paulo de Niemeyer, sobre a rua 25 de Março e sobre como pretende expandir seus estudos sobre o assunto. Além, é claro, sobre o quanto gosta de visitar a Galeria Melissa, flagship da marca na cidade.

**PLASTIC DREAMS** *Você acha que a cultura ocidental evoluiu em combater seu preconceito contra a cor desde que você publicou o livro "Cromofobia", em 2000? Por que esse preconceito deve ser combatido e qual é a nossa melhor maneira de fazer isso?*

**DAVID BATCHELOR** Uma coisa que talvez tenha mudado durante esse tempo é a minha compreensão desse preconceito. Acho \_assim espero\_ que tenho agora um entendimento com mais nuances do que tive na época em que escrevi "Cromofobia". Agora diria que, no Ocidente, temos uma relação altamente ambivalente com a cor: somos atraídos por ela e ao mesmo tempo repelidos. Eu não diria que é como se algu-

mas pessoas amassem cor e outras detestassem; todos nós somos pegos por essa teia de atração e de repulsão, e temos que encontrar o nosso lugar dentro dessa situação.

**PD** *Melissa é um produto extremamente colorido e que sempre procura trazer cor para o dia a dia dos países onde está presente. O que deveria ser natural sobre a relação de qualquer pessoa com a cor?*

**DB** Apenas os adultos têm problema com as cores; as crianças nunca têm. Uma reação à cor é provavelmente natural para qualquer ser humano, mas no processo de crescimento acabamos suprimindo muitas dessas reações dos primeiros anos de vida. Quanto à Melissa, adoro ir à Galeria Melissa quando estou em São Paulo.

**PD** *Qual conselho você daria para um artista, designer gráfico ou designer de produto que quer começar a trabalhar com cores e entendê-las?*

**DB** Comece trabalhando com cor e começará a entender algo sobre elas. Mas uma coisa que esses profissionais vão aprender é que a cor está além da nossa compreensão, além da linguagem e além de sistemas racionais direcionados à ordem, controle e predições. Então esqueça tudo o que você ouviu e estudou sobre teoria e harmonia das cores. Só tente, e aceite que o processo irá lhe confundir, desorientar e surpreender.

**PD** *Como artista que trabalha com cor, você associa cada uma aos seus significados e origem? Acha que eles são relevantes para o processo criativo?*





01 Obras da série "Blob Drawings," estudos de cor iniciados em 2002

02 O artista David Batchelor.

03 Obras da série "DogDays" (2004-2011) com fios elétricos.

04 "Caçamba", exposta em 2012 na frente da Galeria Leme, que representa o artista no Brasil.

05 A obra externa "Festival Remix", de 2006, que mistura diversos tipos de iluminação.

06 Vista da exposição "Unplugged", na Talbot Rice Gallery (Edimburgo), em 2007.

**DB** A única maneira que encontrei para trabalhar com as cores foi me libertando de toda a bagagem de associação e simbolismo herdada por elas. Realmente não me interessa pelos significados e valores que as pessoas tentam atribuir para as cores. Também não me interessa pela noção de cores primárias e secundárias. Para mim, todas as cores são iguais e elas podem falar umas com as outras sem nenhum tipo de mediação nossa. A cor como sua própria presença: é isso que procuro em meu trabalho. Uma verdadeira imersão no mundo da cor requer uma certa quantidade de desapego, o que nem sempre é fácil. Ao mesmo tempo, as cores que uso são, em grande parte,



um produto das cidades, não são naturais ou atmosféricas. Minhas cores não são puras ou desvinculadas de algum contexto ou referência.

**PD** *Você poderia falar um pouco sobre a presença da luz e da forma em seu trabalho?*

**DB** Fiz muitos trabalhos com luz nos últimos 12 anos. Mas não faço "light art", seja lá o que isso signifique. Meu interesse por luz nasce puramente do meu interesse por cor. Algumas das formas mais vivas de cor na cidade são as cores iluminadas: neons, painéis brilhantes de plexiglas®, LEDs e outros dessa natureza. Se você tem interesse na cidade e suas cores, simplesmente não tem como ignorar essas formas

de iluminação. Em relação às formas do meu trabalho, são todas realmente muito básicas. Não tenho a capacidade de criar formas e formatos esculturais complexos, e tenho inveja de artistas que conseguem, como Richard Deacon. Mas a forma é subsidiária da cor em meu trabalho, e precisa ser mantida simples para não distrair o espectador do foco primário. Percebi recentemente que, nos últimos 20 anos, todos os meus trabalhos \_esculturas, desenhos, pinturas, fotografias\_ foram, de uma maneira ou outra, sobre encontrar caminhos para dar um suporte para as cores, literalmente em alguns casos, opticamente em outros. É uma ideia muito simples, mas nem sempre fácil



de entender e executar. Então a forma dá suporte à cor e, se você olhar para as formas do meu trabalho, vai ver que existem apenas duas ou três. Durante uns 15 anos, quase tudo era praticamente retangular ou em formato de caixa. Há algum tempo, tudo se tornou circular ou esférico. E agora existem até alguns triângulos aqui e ali. Nenhuma delas são geometrias "puras", como as da Bauhaus; elas são quase sempre um pouco danificadas, enviesadas ou dobradas.

**PD** *No que você está trabalhando no momento e como planeja expandir seus estudos sobre a cor?*

**DB** Estou tentando escrever outro livro, mas ele provavel-

mente não irá ver a luz do dia em breve. O título provisório é "The End of Colour" ("O Fim da Cor"), e o primeiro capítulo é sobre como a cor entra no mundo por meio de vários mitos de criação, e como sai dele por meio de algum conto sobre apocalipse e ruína. Aí há um capítulo sobre luminosidade e um sobre o cinza, no qual estou particularmente interessado no momento. Mas é difícil encontrar o tempo de escrever de maneira contínua nos dias de hoje. Em estúdio, no momento, a maioria dos trabalhos que estou produzindo são de duas dimensões. Pela primeira vez em mais de 20 anos estou fazendo pinturas. Foi uma grande surpresa para mim.

## Saiba mais

UM POUCO SOBRE AS REFERÊNCIAS CITADAS POR DAVID BATCHELOR.

O **Pantone 292**, que Batchelor brinca de seu favorito, é azul claro. Tornou-se famoso com a música "Reno Dakota", do Magnetic Fields: "It's making me blue/ Pantone 292". "Blue" também significa melancolia em inglês.

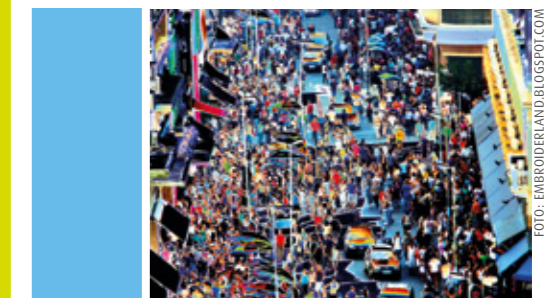
Nascido em 1949, **Richard Deacon** é um escultor britânico que recebeu o Turner Prize, espécie de Oscar das artes plásticas, em 1987. Suas esculturas \_quase sempre construídas a partir de materiais do dia a dia\_ são abstratas, e por vezes fazem alusão às formas anatômicas.

Localizada em São Paulo, a **rua 25 de Março** é considerada o maior centro comercial da América Latina. Com lojas que vendem objetos baratos de plástico, tornou-se um hotspot para Batchelor comprar matéria-prima para suas esculturas, como os óculos que compõem a escultura "Disco Mecanique", criada em 2008.

**Alfredo Volpi** (1896-1988) foi um pintor ítalo-brasileiro, considerado pela crítica como um dos artistas mais importantes da segunda geração do Modernismo. Quem nunca viu as bandeirinhas características de seus trabalhos?

O Palácio de Cristal, no **Retiro Park**, em Madri, é uma estufa construída em 1887, com finalidade de cultivo ou manutenção de plantas exóticas. Atualmente é usada através do museu Reina Sofia para exposições de arte.

Nascida na Pensilvânia em 1955, **Polly Apfelbaum** é uma das artistas mais legais que Batchelor cita entre os criadores que tiveram sucesso no uso da cor. Ela é conhecida pelos seus "Fallen Paintings" (Pinturas Caídas), híbrido de escultura, pintura e instalação. Entre as temáticas presentes em sua obra estão cultura popular, femininos, e o legado da pintura abstrata do Pós-Guerra.



O Pantone 292, detalhe da obra de Polly Apfelbaum na D'Amelio Gallery, e vista da tumultuada rua 25 de março, em São Paulo.





07

São coisas simples que são muito difíceis de produzir. Eu as chamo de “blob paintings” (“pinturas blob”). Envolve derramar alguns litros de tinta líquida em um grande painel de alumínio, deixando-os secar por alguns meses antes de adicionar uma base simples para sustentá-los. Mais suporte para cores. Nenhuma mudança aí.

**PD** Você tem uma cor favorita? Alguma de que não goste? Como a cor está presente no seu dia a dia?

**DB** Minha resposta costuma ser que minha cor favorita é o Pantone 292, mas não quero dizer isso. Acredita-se que o olho humano pode diferenciar até dez milhões de gradações de cor, mas a maioria das línguas tem apenas onze termos básicos para as cores. Claramente existe uma assimetria aí, então dizer que minha cor favorita é azul significa que tenho mais ou menos um milhão de cores favoritas.

No entanto, existem certas cores que uso no estúdio mais do que outras, cores para as quais eu retornei ao longo dos anos. Em particular, um verde limão ácido que se tornou uma espécie de cor “default” para mim. É intenso e parece bem artificial. Uso canetas de grifar fluorescentes em muitos dos meus desenhos. Na contramão, nunca usei marrom em nenhum dos meus trabalhos. Existe marrom demais na arte britânica \_interprete da maneira que quiser\_ e não tenho nenhum desejo de fazer parte desse clube. Além disso, você realmente consegue imaginar um marrom claro? Existe muita cor na minha vida diária, principalmente nas minhas camisas

e camisetas. Sempre acho que as pessoas esperam que eu apareça usando uma calça pink, meias verdes e uma jaqueta roxa, mas a maneira com que uso a cor na minha arte é muito diferente da maneira com que uso a cor no resto da minha vida.

**PD** Você já visitou o Brasil algumas vezes. Quais suas impressões sobre o país? E sobre a cidade de São Paulo? Do que você gosta sobre em ambos em relação às cores?

**DB** A primeira vez em que vim para ao Brasil foi para expor na 26ª Bienal de São Paulo, em 2004. Desde então, passei a ter diversos artistas, escritores e curadores brasileiros como amigos, e durante os últimos oito anos desenvolvi um relacionamento muito bacana com a Galeria Leme. Eu simplesmente amo São Paulo, que tem absolutamente tudo que preciso para produzir meu trabalho. Toda vez em que vou ao país aprendo um pouco mais sobre a arte e a cultura brasileiras. Em 2008, fiz um trabalho com 4.000 óculos escuros baratos que encontrei numa loja na rua 25 de Março. No começo de 2012, apresentei uma série de trabalhos da Leme baseados em canos de aço velhos que encontrei num depósito no Butantã. Sempre tive uma queda pelas caçambas (de entulho) que estão por todos os cantos da cidade, que acabaram virando um trabalho. Gosto de muitas expressões da arte brasileira. Voltando na história, até Volpi, pelo menos. Mas não é exatamente por causa das cores. É mais sobre uma relação que encontro muito na arte entre três elementos: a cidade,

a abstração e as cores. Esses elementos definem bem o meu trabalho e é um grande prazer me encontrar num lugar onde outras pessoas compartilham esse interesse. Não acontece com frequência aqui no Reino Unido, pode acreditar.

**PD** Você já disse que “para que um projeto aconteça é preciso começar com um espaço, e tudo acontece a partir dele”. Se pudesse escolher um local público para mostrar seu trabalho, em qualquer lugar no mundo, qual seria e por quê?

**DB** Vai parecer um tanto clichê, mas fiquei bem satisfeito quando mostrei meu trabalho no prédio da Bienal, de Oscar Niemeyer, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Apresento muitos trabalhos em espaços neutros de galeria, o que é esperado, mas eu também gosto de trabalhar em construções com suas próprias características, as quais você precisa absorver e responder. Qualquer prédio no mundo? Há esse prédio do século 19, todo de vidro, no Retiro Park, em Madrid, todo iluminado e sem paredes. Escolheria esse.

**PD** Você poderia nomear artistas que são, para você, particularmente bons no uso de cor?

**DB** Nos Estados Unidos, existem várias boas artistas fazendo uso da cor e da abstração: Polly Apfelbaum, Mary Heilmann e Linda Besemer, entre outras. No Reino Unido, Jim Lambie produziu trabalhos brilhantes, assim como Melanie Smith, no México. Na última vez em que estive em São Paulo, vi uma exposição da Jac Leirner na Pinacoteca, que era maravilhosa.

“NO OCIDENTE, TEMOS UMA RELAÇÃO ALTAMENTE AMBIVALENTE COM A COR: SOMOS ATRAÍDOS POR ELA E AO MESMO TEMPO REPELIDOS. EU NÃO DIRIA QUE É COMO SE ALGUMAS PESSOAS AMASSEM COR E OUTRAS DETESTASSEM; TODOS NÓS SOMOS PEGOS POR ESSA TEIA DE ATRAÇÃO E REPULSÃO.”

**07** Obra da série “Parapillar”, de 2007, suporte de aço e objetos de plástico encontrados em lojas de 1,99. A cor no Ocidente, segundo o artista, está localizada na ralé do espectro cultural.  
**08** Obra de série “Spectotem”, de 2009, caixas de luz de aço e alumínio, suporte de aço, placas de acrílico, lâmpadas fluorescentes e cabos elétricos.  
[davidbatchelor.co.uk](http://davidbatchelor.co.uk)



08



# Naturezas vivas em display

BORBOLETAS, FLORES, FOLHAS, VIDROS, PÁSSAROS,  
DELICADOS INSETOS, TREVOS, BALÕES,  
SOFISTICADAS JOIAS, MUITO BOM GOSTO  
E EMOÇÃO ENVOLVEM OS PRODUTOS  
DA COLEÇÃO RAINBOW VERÃO 2013  
DE MELISSA. O AMBIENTE É DE  
POÉTICO BUCOLISMO VISUAL.

FOTOS KARIN BERNDL  
DIREÇÃO CRIATIVA HEIDI TAYLOR  
FLORES SIMON LYCETT

MELISSA SKY

MELISSA MORNING + SALINAS (NO ALTO)

JOIAS BASIA ZARZYCKA  
BORBOLETA DE VIDRO VERDE  
MADURA PARA HARRODS





MELISSA COLOR

MELISSA DANCE HITS

MELISSA ARANHA LI

FLORES DE VIDRO WATERFORD PARA HARRODS | LÍRIO DE VIDRO HAVILAND PARA HARRODS | TREVO DE VIDRO FLEUROLOGY PARA HARRODS  
DECANTER SAINT LOUIS PARA HARRODS | VASOS COLORIDOS E TRANSPARENTES E VASOS FRUTA WILLIAM YEOWARD



MELISSA SOLAR

BOCA DE VIDRO KOSTA BODA  
PARA HARRODS  
LÍRIO DE VIDRO HAVILAND  
PARA HARRODS

MELISSA ARTEMIS + JASON WU







MELISSA SKY GLITTER

JOIAS BASIA ZARZYCKA

MELISSA TRIPPY



JOIAS **BASIA ZARZYCKA**  
BORBOLETA DE VIDRO VERDE **MADURA**  
PARA **HARRODS**

MELISSA OPTICAL (À ESQ.)

MELISSA N.1 + PEDRO LOURENÇO

ALGUNS PRODUTOS PODEM  
SOFRER DISTORÇÃO DE CORES OU  
NÃO SEREM DISPONIBILIZADOS  
PARA COMERCIALIZAÇÃO.





# A dupla mágica da fotografia de produtos

Texto  
Ilana Rehavia

Fotos  
Divulgação



CONHEÇA MELHOR O TRABALHO DA FOTÓGRAFA AUSTRIACA KARIN BERNDL E DA STYLIST INGLESA HEIDI TAYLOR. JUNTAS ELAS CRIAM IMAGENS ÚNICAS PARA A MODA E A PUBLICIDADE, ELEVANDO O STILL DE PRODUTOS À QUALIDADE DE ARTE, CAPTURANDO A BELEZA DE UM MOMENTO ESPECIAL NO PAPEL, COMO NESTA EDIÇÃO DE SUA PLASTIC DREAMS.

A fotógrafa austríaca Karin Berndl e a stylist inglesa Heidi Taylor formam uma espécie de dupla dinâmica da fotografia de produtos. A parceria entre as duas produz imagens maravilhosas como as fotos das páginas anteriores.

Karin e Heidi começaram a trabalhar juntas há quase uma década, depois de se conhecerem em um projeto para uma revista. **“Senti imediatamente que teríamos uma longa relação profissional, e decidimos fazer nosso primeiro ensaio fotográfico na mesma hora”**, diz Heidi.

Seus estilos realmente se complementam perfeitamente. Enquanto a fotografia de Karin é mais gráfica e masculina, o trabalho de Heidi tem um tom mais feminino, doce, de fantasia. Segundo elas, esse equilíbrio é o segredo do sucesso dessa colaboração, requisitada por clientes como as revistas “Vogue” inglesa e “Tatler”, a joalheria Boodles e a loja de departamentos Selfridges.

“A fotografia de produtos é única porque nos permite criar mundos elaborados diante da câmera. Também nos dá a chance de guiar o observador por um cenário de fantasia,



Na página ao lado e nesta, alguns dos trabalhos da fotógrafa austríaca Karin Berndl e da stylist inglesa Heidi Taylor.



explorando de perto belos objetos e sonhos”, diz Karin. Ela estudou fotografia em Viena, mas logo se mudou para Londres, atraída pelo burburinho e pela agitação da metrópole. Em 2009, Karin foi escolhida como a Fotógrafa do Ano pela Associação de Fotógrafos. “O que eu amo na fotografia é como ela permite que capturemos a beleza de um momento especial no papel”, diz ela.

Para Heidi, trabalhar com fotografia de produtos foi um feliz acidente. Ela inicialmente queria ser artista, mas acabou atraída pelo lado mais prático da moda. Depois de estudar na conceituada universidade Central Saint Martins, Heidi trabalhou como stylist e editora de moda para revistas e celebridades. “Eu costumava odiar a fotografia de produtos, pois achava o processo muito lento. Mas quando me

pediram para fazer um trabalho de still, percebi o quanto o estilo permite a experimentação e um processo de trabalho íntimo, e acabei me apaixonando por esta linguagem”, conta.

Para a PLASTIC DREAMS, as duas queriam que cada página tivesse sua própria história e que cada imagem fosse digna de ser pendurada na parede. “Apesar de trabalhar na indústria da moda, nosso objetivo

é criar imagens atemporais”, anuncia Heidi.

O lado acadêmico e analítico da dupla se evidencia, mas elas também se encantam pelo lado lúdico da vida \_o que se reflete no trabalho delas. **“Amamos poder brincar com objetos tão bonitos. É como ser crianças-adultas, com um bando de coisas incríveis para decorar nossa casinha de bonecas.”**



Textos Suzy Capó  
Fotos Arquivo Pessoal Suzy Capó

A BANDEIRA DO ARCO-IRIS SE TRANSFORMOU EM SÍMBOLO PARA A COMUNIDADE GAY EM TODO O MUNDO.

# TOLERÂNCIA JÁ



Na foto, escada Rainbow em São Francisco

Quem caminha em direção ao Castro, bairro gay em São Francisco, enxerga de longe o mastro com a bandeira do arco-íris, fincado na junção entre as ruas 17, Market e Castro. Impo- nente, a bandeira remete ao passado glorioso das lutas pelos direitos LGBT, protagonizadas nos anos 1970 pelo ativista Harvey Milk (1930-1978), que iniciou sua carreira política a poucos metros dali, em sua loja de equipamentos fotográficos.

Milk, cuja trajetória foi imortalizada em dois filmes premiados com Oscars ("The Times of Harvey Milk", de

Rob Epstein, e "Milk", de Gus Van Sant) não viveu para ver a bandeira na praça que hoje leva o seu nome. Assassinado por um adversário político em novembro de 1978, o ativista presenciou, no entanto, o hasteamento da primeira bandeira do arco-íris, na United Nations Plaza. Como descreveu uma testemunha do evento, a visão foi de tirar o fôlego.

A bandeira foi criada naquele mesmo ano por Gilbert Baker, um veterano do exército dos EUA que havia se radicado na cidade em 1972. "Todo ser humano precisa de símbolos",

afirma. "E da mesma forma que outros países, movimentos e povos, nós precisávamos de um símbolo que nos identificasse, para mostrarmos solidariedade um para o outro e proclamar nossa presença."

Até o verão de 1978, o símbolo predominante do efervescente movimento gay era o triângulo cor-de-rosa, uma herança do nazismo. Insatisfeito com a origem negativa daquele símbolo, usado para identificar homossexuais nos campos de concentração, Baker propôs ao comitê da Parada de São Francisco, a

criação de um novo símbolo: uma bandeira.

Baker, que se identifica como uma drag queen, já era conhecido pelas suas habilidades com máquinas de costura. "Toda vez que alguém precisava de um banner, falava com ele", conta o diretor de arte Charley Beal. Baker comprou sua primeira máquina de costura assim que chegou na cidade. Ele queria aderir à moda do Glam Rock, cujo maior ícone era David Bowie. Como não tinha dinheiro para comprar roupas, resolveu costurá-las ele mesmo.

Suas aptidões foram muito úteis na confecção da primeira bandeira, no Gay Community Center. Baker relembra: "Eram centenas de metros de tecido de algodão que tinha de ser lavado várias vezes; tintas orgânicas que resultavam em cores lindas e vividas, mas que deixavam manchas difíceis de remover; horas intermináveis passando a ferro e costurando".

O empreendimento não poderia ter sido mais bem-sucedido. A bandeira como novo símbolo do movimento gay teve adesão instantânea e ofuscou outros usos vexilológicos do arco-íris (*ver box*). A demanda foi tamanha que seu criador rapidamente se rendeu às exigências das fábricas de bandeiras, eliminando o rosa e o turquesa, cores que dificultavam a produção em massa, e criando a "versão comercial", com seis barras horizontais.

À cada cor é atribuído um significado, legado do movimento hippie. Assim, vermelho representa a vida; laranja, a cura; amarelo, o sol; verde, a natureza; azul, a harmonia, e roxo a espiritualidade. Junto ao rosa, que simboliza a sexualidade, e o

turquesa, emblemático da magia e da arte, as cores da bandeira arco-íris pretendiam criar uma unidade ao movimento gay e, ao mesmo tempo, dar conta de sua diversidade.

Essa aspiração provou-se muito eficaz. No Ocidente e em alguns países asiáticos como Tailândia, Taiwan, Japão e Cingapura, uma bandeira arco-íris num estabelecimento comercial é um convite para a clientela gay. "Não acho que se pode falar em comunidade [gay] hoje em dia", opina John Badalu, fundador do Q! Film Festival, evento LGBT da Indonésia. "A coisa mais próxima de uma comunidade é provavelmente um lugar onde as pessoas se reúnam, geralmente um clube". Para ele, os diferentes grupos queer são bastante segregados e não se misturam.

Nesse contexto, o arco-íris é inegavelmente um instrumento catalizador. Como observa a produtora Katherine Linton, "a bandeira do arco-íris é uma das poucas coisas que conseguem abrigar a diversidade da comunidade." Hoje as organizações e as paradas representam e celebram o orgulho LGBT. Seja em Varginha, que realiza neste ano sua quarta parada, ou em Nova York, onde centenas de milhares de pessoas carregaram uma bandeira de mais de quase dois mil metros de comprimento no 25º aniversário da Rebelião de Stonewall. Marco do movimento gay, o arco-íris identifica um segmento da sociedade que 50 anos atrás só podia reconhecer-se por meio da leitura de sinais e de duplos sentidos nas palavras. Não à toa, a visão a quilômetros de distância da bandeira na Harvey Milk Plaza balançando ao vento até hoje provoca emoção.

## A LONGA TRADIÇÃO DA BANDEIRA

O uso do arco-íris em bandeiras tem uma longa tradição, sendo observado em muitas culturas como símbolo de diversidade e inclusão, de esperança e anseios. Ainda que seja a mais difundida internacionalmente, a bandeira do orgulho gay é uma das mais recentes.

Quem já foi a Cuzco, sabe: bandeiras com sete barras coloridas representam no Peru e no Equador o Tawantin Suyu, ou território Inca. Há quem diga que até a década de 1920 não havia referências históricas que vinculassem o uso da bandeira pelos povos que habitaram a região mais de 2.000 anos atrás. Outros especialistas asseguram que há relatos e algumas referências que sustentam a ideia de que o Império Inca utilizava algo muito semelhante à bandeira que hoje simboliza o movi-

mento andino.

Com seis barras verticais, a bandeira foi adotada em 1950 pelo World Fellowship of Buddhists como um símbolo para todas as formas de Budismo no mundo.

Em 1961, uma bandeira do arco-íris foi utilizada numa marcha pela paz na Itália, inspirada em bandeiras multicoloridas semelhantes, usadas em manifestações contra armas nucleares. A bandeira, com sete barras e a palavra "pace" (paz em italiano), recuperou sua popularidade no país, especialmente após a invasão do Iraque.

Outra utilização foi em 1921 para identificar e definir os valores comuns no movimento. Desde então a bandeira passou por várias versões até chegar à atual (um logo do Império Inca utilizava algo muito semelhante à bandeira que hoje simboliza o movi-



Castro, bairro onde a bandeira gay tem presença histórica





# São só sete notas musicais

Texto Juliana Andrade  
Ilustração Romeu Silveira

**Quem nunca olhou para o céu durante uma tarde chuvosa e, quando se deparou com a luz do Sol, logo saiu à procura de um arco-íris?**

O cientista Isaac Newton também fez isso em 1704. Mas, observando o arco-íris, viu apenas cinco cores nele. Com base em sua própria teoria sobre as cores, adicionou ao conceito de arco-íris o laranja e o anil. No livro *“Opticks”*, daquele mesmo ano, o visionário Newton buscou também uma relação entre a matemática e

as sete notas musicais, e com isso determinou o valor das cores e estabeleceu uma correspondência entre elas e os intervalos da escala musical.

A simbologia do arco-íris serve de inspiração para a música até hoje. Por exemplo, o compositor Harold Arlen, que escreveu a letra *“Over The Rainbow”*, uma das canções que mais aparecem quando colocamos a palavra *“Rainbow”* na busca do iTunes ou do Spotify (aplicativo para ouvir música em streaming).

Tema do filme *“O Mágico de Oz”*, de 1939, ela foi regravada por vários artistas, como os Beatles, os Ramones, Frank Sinatra, pela diva do soul Aretha Franklin, pelo pianista Ray Charles, pelo crooner Louis Armstrong e até pela Beyoncé.

O iTunes ainda aponta como uma das mais procuradas a faixa *“Rainbow Connection”*, dos autores Paul Williams e Kenneth Ascher, que desde 1979 é tema dos Muppets e já foi interpretada pelos irmãos Carpenters, por Debbie Harry,

Justin Timberlake e pelo quinteto Pussycat Dolls.

E isso não fica só em clássicas trilhas de cinema, mas também em ícones do universo da música. No sistema de busca entram os Rolling Stones com a faixa *“She’s a Rainbow”*, de Mick Jagger e Keith Richards, que, gravada em 1967, faz uma analogia da mulher e do arco-íris. Por ser uma das mais marcantes na carreira da banda, até hoje *“She’s a Rainbow”* é lembrada. Recentemente, Mick

Jagger e a banda Arcade Fire estiveram juntos no palco do Saturday Night Live cantando a faixa para a atriz Kristen Wiig, que deixou o programa no início do ano.

Além de Bob Marley, precursor do reggae, aparecer com a viajandona *“Rainbow Country”*, a cantora Mariah Carey aparece na lista com várias faixas do álbum *“Rainbow”*, de 1999. Curiosamente não é com *“Rainbow”* em si que ela desponta, mas sim com a música *“Heartbreaker”*, que

tem a participação especial do rapper e top produtor Jay-Z.

Para você ter uma noção de como a coisa vai longe, a música é apenas um dos braços que reflete o que cada um entende por arco-íris. O nome *“Gravity’s Rainbow”*, livro de Thomas Pynchon, um dos mais importantes do século 20, também aparece na lista. Não por ser uma obra literária, já que estamos falando de iTunes, mas sim por ser o título de uma faixa do Klaxons que, em 2007, despontou nas pistas em

todo o planeta com o hit que leva o mesmo nome do livro.

No mesmo ano, o produtor Pedro Winter, mais conhecido como Busy P, surgiu com o single *“Rainbow Man”*, com a aposta do Daft Punk de representar a nova fase do french house ao lado do Justice. Aposto que você não se lembra dele ou nunca tenha ouvido falar. Mas, se colocar *“Rainbow”* na busca da iTunes Store, a música dele aparece entre as primeiras.

Representando a nova safra

de artistas, há a norte-americana Oh Land, que brinca com as cores do arco-íris em *“Rainbow”*. A música faz parte de seu segundo álbum, lançado em 2011, que leva o mesmo nome da cantora.

A estrela pop Jessie J segue a mesma pegada. A faixa *“Rainbow”*, do álbum *“Who You Are”*, também de 2011, não só fala das cores, mas também cita o famoso pote de ouro que supostamente fica no final do arco-íris. Já ouviu falar dele? :-)



# Rainbow Art

HÁ ARTISTAS QUE ELEGEM UMA ÚNICA COR. PICASSO TEVE SUA FASE AZUL; ROTHKO É FAMOSO POR SUAS TELAS VERMELHAS. É FARTAMENTE CONHECIDO O ROSA SELVAGEM BY DE KOONING E O AMARELO DRAMÁTICO DE VAN GOGH. E HÁ TAMBÉM ARTISTAS QUE NÃO CONSEGUEM SE DECIDIR ENTRE AS RICAS OPÇÕES DO ESPECTRO DE CORES E FICAM LOGO COM TODAS. CONFIRA A SEGUIR AS AVENTURAS DE ALGUNS DOS ARTISTAS DESTE SEGUNDO TIPO: DANIEL BUREN, UGO RONDINONE, JIM LAMBIE, CAI GUO-QIANG E OLAFUR ELIASSON, QUE TINGEM SUAS CRIAÇÕES COM AS CORES DO ARCO-ÍRIS COM O OBJETIVO DE MEXER COM TODOS OS SENTIDOS DE QUEM VIVENCIA SUAS OBRAS.

## Daniel Buren

(França, 1938)

[www.danielburen.com](http://www.danielburen.com)

Convidado em 2012 para desenvolver um projeto de instalação no Grand Palais, em Paris, Daniel Buren abarrotou de cores esse monumental edifício em estilo Belle Époque, originalmente construído para receber a histórica Exposição Universal de 1900. Quinto artista a participar da Monumenta, evento de arte que o palácio abriga uma vez por ano, Buren aproveitou a proximidade do verão e as transparências dos vitrais do Grand Palais para criar uma espécie de floresta com inúmeros arco-íris, em que as copas das árvores são formas circulares com aplicação de filme plástico translúcido nas cores azul, amarelo, laranja e verde, as únicas disponíveis no fabricante. O visitante pôde passear por baixo dessas copas circulares de diferentes diâmetros e se deleitar com os efeitos óticos. Veja na foto ao lado.





**Olafur Eliasson**

(Dinamarca, 1967)

[www.olafureliasson.net](http://www.olafureliasson.net)

Conhecido por explorar efeitos óticos, ele construiu um arco-íris no topo do ARoS Aarhus Kunstmuseum (Dinamarca). A passarela circular de 150m de comprimento, 3m de largura por 3m de altura, a "Your Rainbow Panorama" (2011) possibilita a vista de 360° de Copenhagen \_a obra fica a mais de 50m do nível da rua. Não foi a primeira vez: em "I Only See Things When They Move" (2004) ou "360 Degree Room for All Colours" (2002), entre outras experiências que envolvem os visitantes no espectro mágico de cores.

**Cai Guo-Qiang**

(China, 1957)

[www.caiguoqiang.com](http://www.caiguoqiang.com)

"Transient Rainbow" já tingiu os céus de NY, de um lado a outro do East River (2002), para celebrar a inauguração do MoMA PS1, no Queens. O arco-íris de fogos de artifício, com um minuto de duração, ganhou maior potência colorística \_em quantidade de fogos e duração\_ ao longo de seus desdobramentos nas olimpíadas de Pequim (2008), e em uma retrospectiva no Qatar. No deserto árabe e durante uma manhã ensolarada, a obra "Black Ceremony, A Daytime Fireworks Show" teve dois minutos de duração. Tudo rainbow.

**Ugo Rondinone**

(Suíça, 1964)

[goo.gl/Fnoxs](http://goo.gl/Fnoxs)

O suíço já fez diversas esculturas de arco-íris, mas nenhuma ganhou tanta projeção quanto "Hell, Yes!" (2001, ao lado), que ficou por três anos na fachada do badalado New Museum, em NY. Rondinone estampou as mais singulares frases em seus arco-íris estilizados, geralmente em espaços públicos: "Our Magic Hour"; "Cry Me a River", "Where do We Go From Here?" e "Dog Days are Over". A última ficou na fachada da Hayward Gallery, por onde a cantora Florence Welch passava de bicicleta para a faculdade, e a inspirou a compor para ela.

**Jim Lambie**

(Escócia, 1964)

[goo.gl/5Tzu9](http://goo.gl/5Tzu9)

"Algo como 'Zobop', a obra feita diretamente [com fita adesiva] no chão, cria tantas bordas que elas todas se dissolvem. A sala está se expandindo ou contraindo? Cobrir um objeto de alguma maneira faz evaporar os limites da coisa e isso puxa você mais para uma paisagem de sonho", explica o escocês acerca de suas intervenções com fitas coloridas nos pisos de museus como a Tate e o MoMA de Nova York (à esq.). Lambie já aplicou cores em pássaros de cerâmica e empilhou objetos sem deixar de fora nenhum espectro de cor.



# Faz parte do meu show...

Texto Sabrina Duran  
Fotos Divulgação / Cortesia das artistas



Detalhe da obra de Monica Rizzolli

**MONICA RIZZOLLI, 31**  
monicarizzolli.blogspot.com

**“Uma forma de olhar o mundo.”**

“A cor começou a ter um papel fundamental de definir a atmosfera do meu trabalho, não só a atmosfera psicológica, mas também a do ambiente que estou representando na pintura. Nessa série que estou criando agora, fui colocando várias cores de maneira intuitiva, mas chegou a um grau de saturação que me incomodou. Então comecei a fazer um estudo e a definir a cor antes de começar o trabalho. **Aqui na Alemanha as pessoas acham que uso muitas cores, que há um excesso de informação no meu trabalho. Mas isso acontece porque aqui é tudo monocromático.** Me lembro de que quando cheguei na Alemanha, no outono, tudo era marrom e enevoado, isso me marcou muito. A cor é uma sensação, e você aprende a ler essa sensação de acordo com a cultura

na qual está inserido. No meu dia a dia, ela é uma maneira de olhar o mundo e compreendê-lo. Na primeira vez em que fui morar sozinha, por exemplo, fui para um flat que era todo branco e tinha um sofá azul. Comprei tudo azul pra casa: prato, toalha, xampu, sabonete, escova, tudo. Em um momento, tive que dividir o flat com outra pessoa. A primeira coisa que ela fez foi comprar uma caneca amarela. Eu fui tomar água e, ao abrir o armário, tinha aquele Sol brilhando no meio das canecas azuis. Foi um choque. Eu senti e chorei (risos). Depois, quando montei meu apê em São Paulo, resolvi que tudo da casa seria preto e branco, e que minhas coisas pessoais, como roupas e livros, teriam um destaque cromático. Eu sabia a importância afetiva de cada coisa pelo destaque cromático que ela tinha. Nisso tudo fica claro o valor emocional da cor.”

NA VIDA DE UM ARTISTA PLÁSTICO, AS CORES NÃO DETERMINAM APENAS A REALIDADE CROMÁTICA DE SUAS OBRAS. SERIA POUCO PARA QUEM TEM, EM GERAL, UMA RELAÇÃO QUASE ANÍMICA E DE LONGO PRAZO COM ELAS. CONVERSE COM UM DELES E VOCÊ VERÁ QUE NO PASSADO DA MAIORIA HÁ SEMPRE UMA LEMBRANÇA DE ALGUMA COR MARCANTE, DE TONALIDADES INUSITADAS QUE DESPERTARAM NELE, PARA SEMPRE, ADMIRAÇÃO E ENCANTO. NO PRESENTE DE MUITOS ARTISTAS, AS CORES APARECEM ORGANIZANDO O COTIDIANO, DANDO SIGNIFICADOS NOVOS A PAISAGENS ORDINÁRIAS E ATÉ ELETRIZANDO SONHOS ONDE ELAS, AS CORES, SURTEM SATURADAS, BRILHANTES, IMPOSSÍVEIS E MEMORÁVEIS. DE LEMBRANÇAS PASSADAS A REALIDADES

CONTEMPORÂNEAS, A PRESENÇA CONSTANTE DAS CORES NA VIDA DE QUEM TRABALHA COM E A PARTIR DELAS ACABA, COM O TEMPO, CONVERTENDO-SE NUMA RELAÇÃO DÚBIA, DE DOMÍNIO E SUBMISSÃO DO ARTISTA E SUA PALHETA CROMÁTICA. É ESSA RELAÇÃO QUE NOS PERMITE DIZER \_SEM GENERALIZAR\_ QUE A COR, NA VIDA DE UM ARTISTA, TEM O PAPEL DE TORNAR MAIS INTENSA A PRÓPRIA EXISTÊNCIA. CONVERSAMOS COM QUATRO ARTISTAS PLÁSTICAS SOBRE O ASSUNTO – AS BRASILEIRAS MONICA RIZZOLLI, CARLA BARTH E NINA PANDOLFO, E A NORTE-AMERICANA NICOLINA. EMBORA TODAS ELAS TENHAM TRAJETÓRIAS E TRABALHOS DISTINTOS, UM FATO EM COMUM TORNA UNÍSSONOS SEUS DISCURSOS: A COR É ONIPRESENTE EM SUAS VIDAS.

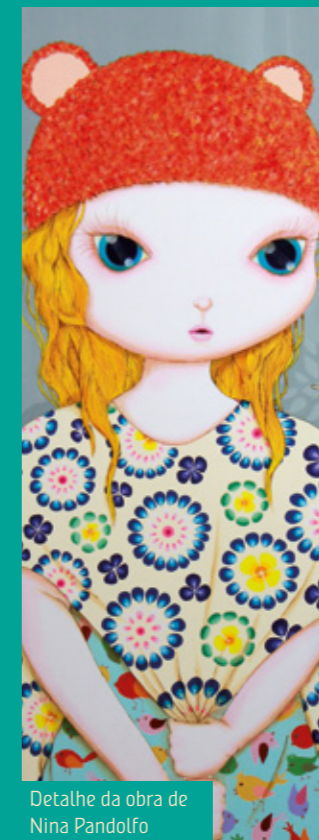
**NINA PANDOLFO, 35**  
ninapandolfo.com.br  
**“Uma joaninha ou um besouro metálico.”**

“Uma das grandes coisas que me atraí o olhar para um determinado local é a cor. Por exemplo, olhar para um gramado e ver uma linda joaninha ou um lindo besouro metálico. A cor é a principal atração nesse caso, pois esses insetos são minúsculos. Uma coisa da qual me lembro em que as cores me marcaram foi minha viagem à Índia, onde todas as mulheres eram supercoloridas. **Era possível ver um Pantone inteiro entre quatro amigas conversando numa calçada com uma parede verde com detalhes amarelos e vermelhos de fundo. Lá as cores são marcantes.** E as mulheres ousam nas combinações delas. As cores são importantes pra mim e influenciam muito minha vida. Ter flores coloridas em casa, por exemplo, sempre me faz sentir bem. Quando o dia está com o céu azul, é como se o dia estivesse alegre, mesmo que esteja frio. Quando começo um trabalho, em minha mente já tenho a arte final com tudo, traços e cores. Mas geralmente, durante a produção, algumas cores são trocadas, elementos inseridos; mudanças acontecem. Quanto aos sonhos com cores, tenho vários tipos. Alguns são como um filme de 8mm; em outros, as cores são totalmente vivas.”

**NICOLINA, não quis divulgar sua idade ;-)**  
nicolinaart.com  
**“Elas dançam na minha mente.”**

“As cores têm um papel gigantesco na minha vida. Eu sempre as tenho como que dançando na minha mente. Sonho muito com elas, que aparecem em formas abstratas e ficam circulando na minha mente. Quando estou acordada, me atraio facilmente por cores saturadas. São as que mais uso porque quero que o poder mais intenso delas apareça na obra. Começo com o desenho, e depois vou colocando cores. Uso muito vermelho, e em geral início a pintura com ele. É uma evolução, começo com uma cor que puxa outra e mais outra. Cores são universais e falam a qualquer pessoa; elas têm o poder de fazer a gente sentir algo, alguma emoção que não se consegue colocar em palavras. Quando eu estava em Pequim, na China, administrei o workshop Hearts of the World. É um projeto que comecei há cerca de dois anos com crianças do mundo todo, no qual dou a elas um coração humano apenas delineado em um papel para que pintem por dentro da maneira que quiserem. Em Pequim, especificamente, fiz o projeto com crianças de um orfanato para cegos. Lá havia um menino de nove anos que nasceu cego. Eu não sabia se ele tinha entendimento do que

eram as cores e como uma criança cega poderia pintar. A primeira coisa que fiz, então, foi perguntar qual cor ele queria. Ele disse azul. **Ao receber a tinta, ele pintou o coração todo de azul e disse que estava pintando o céu. Depois, pediu o amarelo para pintar o Sol, o branco para pintar as nuvens e o verde para pintar a floresta. No fim, pediu o preto e cobriu tudo o que tinha feito.** Perguntei o que ele estava pintando e ele disse: “Estou pintando a escuridão”. Perguntei o porquê, e ele disse que a escuridão é linda, e que há muitas luzes coloridas nela. Essa é minha experiência mais memorável com as cores. Mesmo aquele lugar onde elas parecem não existir está repleto delas.”



Detalhe da obra de Nina Pandolfo

**CARLA BARTH, 36**  
carlabarth.com  
**“Lembranças de parques e piscinas.”**

“Para além do meu trabalho, para começar, as cores influem no meu humor. Se é um dia de sol, por exemplo, eu me sinto mais disposta, tudo fica mais colorido e iluminado, gosto de inventar desculpas simplesmente pra sair de casa, como ir a lojas de tecidos e fazer compras de materiais que um dia eu possa usar, mas talvez eu nunca use; gosto de ir a sebos perto da minha casa ou tomar café perto do parque. Os dias cinzentos e chuvosos são lindos, mas são convidativos para outros tipos de atividades. **No trabalho, o processo é sempre de pesquisa. Tudo é tentativa e erro, e depois vem o acerto.** Às vezes gosto de incorporar o erro e aceitar o acaso; não gosto de planejar muito o uso de cores. Mas às vezes tudo é pensado, principalmente quando uso menos cores em um trabalho, porque daí tem que ser mais exato e limitar as opções. Sobre lembranças de cores marcantes, acho que as cores dos parques de diversões, paisagens desérticas, a cor da água das piscinas, animais que são fluorescentes, tudo isso marcou. Me chamavam a atenção as variações de cores de balas, doces e sorvetes, principalmente as embalagens, incríveis, como as coreanas, chinesas, egípcias, japonesas e israelenses.”





01



03



02



07



08



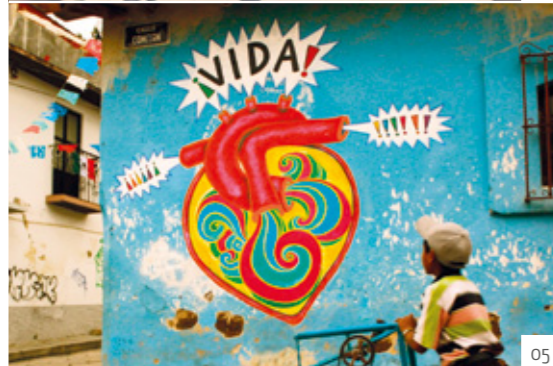
09



04



06



05



10



11

01 "Holy Mountain", 2008, acrílica sobre tela, 60 x 80cm, Carla Barth.

02 "Picassa", 2007, guache sobre papel, 29 x 42cm, Carla Barth.

03 "Sem título", 2011, acrílica sobre tela, 30 x 40cm, Carla Barth.

04 O coração de Mickeal, 10, que nasceu cego. "Pintei a escuridão, ela tem muitas cores", diz ele. Faz parte de um projeto de Nicolina.

05 Menino se depara com desenho de Nicolina nas ruas de San Cristóbal, Chiapas, México.

06 "Meu maior interesse está em pintar sobre uma tela que tem movimento", diz Nicolina, aqui num caminhão que customizou nas ruas de Tokyo, Japão.

07 "Sem título", 2008, técnica mista com cristais Swarovski, 180 X 200cm, Nina Pandolfo.

08 "Fugir e Fingir", da série "Nos Nossos Olhos", 2008, técnica mista com cristais Swarovski, 160 X 200cm, Nina Pandolfo.

09 "Lucy in the Sky with Diamonds", 2010, técnica mista sobre tela, 150 X 190cm, Nina Pandolfo.

10 "União 3", acrílica sobre tela, Monica Rizzolli.

11 Estudo de cor da artista Monica Rizzolli.



# MARES PSICODÉLICOS

Texto Juliana Monachesi

Fotos Édouard Fraipont/Cortesia Casa Triângulo

Em artes plásticas, quando o assunto é a cor, nenhum artista tem se destacado mais do que a paulistana Mariana Palma, 32. Ultracoloridas, suas telas são frequentemente comparadas às de Beatriz Milhazes. Mas, enquanto a carioca tende a trabalhar com cores mais es-tanques e puras, explorando os contrastes entre cores, Mariana tem a sofisticação de investigar tons inimagináveis até na mais completa escala Pantone.

A artista conta que, no tempo de faculdade \_ela se formou pela Faap em 2001\_ ela era a única aluna que se deliciava com os exercícios de escalonamento radial de cor. “A gente precisava obter as variações de saturação e de brilho para cada cor em pequenas etiquetas coladas em uma folha de caderno; eu adorava fazer isso e os meus cadernos ficavam tão lindos!”, lembra-se com uma risada. Foi este aprofundamento técnico das aulas de pintura, assim como a dedicação apaixonada às aulas de teoria da percepção, que prepararam Mariana para equacionar a exuberância e abundância de cores que viriam a povoar suas pinturas dez anos depois.

Em sua mais recente exposição individual, que aconteceu entre maio e junho na galeria Casa Triângulo, no Itaim, a artista propôs um mergulho, dividindo simbolicamente a galeria em dois espaços por meio de uma linha do horizonte.

No espaço de cima, ela instalou um conjunto de telas de um azul profundo que traziam representados cachos floridos de uma palmeira jervá (mais conhecida como coquinho). Os cachos floridos sugeriam um movimento de água escorren-

do, como em uma cachoeira, e esta “linha de alagamento” separava as telas de flores, no mezanino da galeria, das telas apresentadas no térreo, “submerso”, povoado por plantas subaquáticas.

Por que plantas do fundo do mar? “Porque as plantas terrestres têm uma variação de dez tons de verde. Com as plantas subaquáticas, há muitas outras opções de cor, mais variações para explorar”, conta Mariana.

Suas telas não têm um projeto prévio, não são riscadas antes de começar a pintar. “Existe um entendimento convencional de que, em pintura, a linha simboliza o racional e a cor seria o aspecto subjetivo. As decisões se tomam de forma subjetiva mesmo, com o objetivo de se encontrar uma harmonia entre todas as forças envolvidas na pintura”, conta. “E cada pintura é uma conquista. Enquanto está sendo pintada, a tela é sempre feia e desarmônica. A cor funciona como os acordes de uma música, em que é a harmonia a responsável por interligar os acordes”, explica ela.

Além de poder explorar todas as variações de cor sugeridas por curiosas anêmonas e outras plantas subaquáticas, a artista também pôde tirar partido, na pesquisa atual, dos efeitos da refração da luz na água, que se assemelham aos arco-íris obtidos pela incidência de luz em um prisma, que decompõe a luz em diversas gamas de cores.

As telas foram feitas observando a refração da luz e também experimentando acrescentar água aos trabalhos.

Mariana pesquisou uma técnica milenar de monotipia

ULTRACOLORIDAS, AS TELAS DA JOVEM PAULISTANA MARIANA PALMA JÁ SÃO COMPARADAS ÀS DA ICÔNICA BEATRIZ MILHAZES, SÍMBOLO DE BRASILIDADE NAS ARTES PLÁSTICAS. ENQUANTO A ARTISTA CARIOCA TENDE A TRABALHAR COM CORES MAIS PURAS, MARIANA TEM A SOFISTICAÇÃO DE INVESTIGAR TONS E COMBINAÇÕES INIMAGINÁVEIS; O OBJETIVO AQUI É ENCONTRAR UMA HARMONIA ENTRE TODAS AS FORÇAS ENVOLVIDAS NA PINTURA. “A COR FUNCIONA COMO OS ACORDES DE UMA MÚSICA”, DIZ MARIANA PALMA.



“Sem título”, 2012, óleo e acrílica sobre tela, obra de Mariana Palma exposta na Casa Triângulo, galeria da artista em São Paulo



(um tipo de gravura que se imprime uma única vez) chamada marmoreação, usada tradicionalmente para estampar uma folha de papel que servirá de folha de guarda na encadernação de um livro.

Pintando com tinta a óleo sobre um espelho d'água, e preparando a tela com uma solução de sulfato de potássio que torna sua superfície porosa para impressão, ela conseguiu criar áreas coloridas que parecem mesmo ter sido mergulhadas em um mar psicodélico\_ e que jamais poderiam ter sido pintadas com pincel.

Na série anterior de pinturas que Mariana Palma apresentou em exposição individual na mesma galeria, em 2010, a sugestão de volume nas telas era mais acentuada, porque a artista representava tecidos e padronagens suntuosos misturados às plantas e flores.

Para a mostra deste ano, Mariana Palma conta que abriu mão de certa maneira de pintar para explorar pinceladas mais soltas e livres. Esta liberdade, junto dos fundos marmoreados, teve como resultado pinturas mais chapadas e "escorridas".

O que exatamente isso significa? Ao se afastar dos volumes e da sugestão de profundidade, sem contudo negá-los, Mariana Palma situa sua pintura em um limiar sofisticado e intrigante, entre figuração e abstração.

Ou seja, suas telas não são nem figurativas nem abstratas apenas. Elas deixam para trás esta dicotomia histórica para se afirmar atuais. Porque ser atual é interpretar o presente dando leveza ao peso do passado. Nas artes e na vida.



Detalhe da obra "Sem título", 2011, óleo sobre tela, 140x250cm, obra de Mariana Palma exposta na Casa Triângulo, galeria da artista em São Paulo



## MAKE MÍSTICO

Texto  
Stephanie Noelle  
Fotos  
Marcio Madeira



A beleza do desfile da marca Truja

A MAQUIAGEM DO VERÃO 2013 VAI SER SUPERCOLORIDA, TUDO A VER COM A COLEÇÃO RAINBOW, DE MELISSA. A COR NO MAKE TEM A MESMA IMPORTÂNCIA QUE EXERCE EM OUTROS ASPECTOS DE NOSSAS VIDAS. EXPRESSAM SEU GOSTO PESSOAL E SUA PERSONALIDADE. E MAIS: COLORIR A MAQUIAGEM NOS DÁ A OPORTUNIDADE DE ENFEITAR O QUE SOMOS.

01 No alto, a modelo Cinthia Dicker com o batom rosa do desfile Salinas  
02 O batom vermelho com gloss, as bochechas rosas e os olhos com toques de cor verde, do desfile da marca Juliana Jabour



A primeira coisa que você tem que saber sobre cores no make? É que é só maquiagem. E ela sai. "No fim do dia, vamos todos para casa e tiramos tudo fora. Ou pelo menos deveríamos!", diz Fatima Thomas, maquiadora sênior da M.A.C.

Não precisa ter medo. Dito isso, a notícia é que o verão 2012/13 será extremamente colorido! Helder Rodrigues, ma-

quiador que assinou a beleza de vários desfiles na temporada de moda no Brasil, conta que pink, laranja e branco \_ nos olhos, como não acontecia há um tempão\_ são tons que vão estar com tudo quando os termômetros voltarem a subir. Apareceram no desfile das Filhas de Gaia, com delineador branquinho; na Iodice com sua boca pink elétrica, e no desfile de Juliana Jabour, em que se misturou um batom laranja com gloss do mesmo tom por cima, super atual e jovem. E, se sua cor tiver acabamento metálico, pontos extras!

"A cor na maquiagem tem exatamente a mesma importância que exerce em outros aspectos da nossa vida", define o top beauty artist Duda Molinos. "As cores expressam seu gosto pessoal, sua personalidade, além de ajudar a realçar aqueles looks mais caidinhos", acrescenta o expert gaúcho, que tem a linha de beleza que leva seu nome entre as melhores do país.

E tem mais! Colorir a maquiagem é um jeito esperto de usar uma tendência sem necessariamente abrir mão dos seus clássicos. "É isso que maquiagem faz: nos dá possibilidade de enfeitar o que somos. Agora estamos amando uma cor, na próxima estação estaremos fazendo uma coisa nova, e essa é a graça. Você nunca fica entediado, porque há sempre uma coisa nova surgindo!", diz Fatima, da M.A.C.

É fácil entender que existe um receio na hora de escolher uma cor chamativa para pôr no rosto, afinal, ela vai estar ali chamando atenção.

Mas é aí que está a chave para começar a incorporar o

arco-íris em sua vida.

"Escolha qual parte do seu rosto você quer destacar e comece a colocar cor ali", sugere Fatima. Se você escolher boca, a maquiadora indica aplicar um batom vibrante com os dedos, assim o tom fica mais diluído e você consegue se acostumar mais facilmente. Se forem os olhos, delineador colorido é uma ótima opção. "Passe uma linha fina do seu delineador preferido nas linhas superior e inferior dos cílios. Se ficar muito intenso, você pode esfumar e criar um look esfumado", ensina Damian Castellanos, da MAKE UP FOR EVER.

Se familiaridade com essa história toda de cores não é \_ ainda \_ sua realidade, é interessante optar por fazer o resto do make mais neutro, com a pele bem hidratada e corrigida. Deixe sua cor brilhar sozinha, a princípio! E, para não errar na hora de combinar seu blush com a maquiagem dos seus olhos, olhe para a... sua boca! Busque coerência \_ não a mesma cor, mas tons que sejam harmônicos entre eles. E faça no olho o que quiser, como ensina Fatima: "Pense no nível de intensidade dos seus lábios e aí pense na das bochechas. Não é uma regra, mas é um bom guideline. E, quando terminar, se olhe no espelho!"

Caso precise de ajuda extra na hora de pegar os pincéis e arrasar, a sugestão de Duda Molinos é "um look monocromático com tons de pink nos olhos, bochecha, boca, tudo rosa. Como no último desfile Cruise da Chanel". Quer mais? "Faça uma boca rosa, blush laranja e olho azul!", propõe Helder, ousado. E lembre-se: Maquiagem é um acessório.



# Batizando esmaltes

Texto Stephanie Noelle  
Foto Vivi Bacco e Juliana Nallini

Quem nunca ficou em dúvida entre dois tons de esmalte e ouviu o comentário “mas são iguais!”, com aquela expressão de desdém? Os tons, de fato, podem até ser ligeiramente parecidos, mas seus nomes, ah, esses são únicos. Entre “Preguicinha”, “Deixa Beijar” e “I’m not really a waitress”, os nomes dos esmaltes já são por si só um acontecimento. Do momento de escolhê-lo nas prateleiras ou entre as incontáveis opções da manicure, não se elege mais um esmalte só pela cor. Afinal, entre dois rosas muito semelhantes, duvidamos que você não vai naquele com o nome mais divertido.

“A brincadeira com os nomes foi um dos impulsores do crescimento do mercado, porque o esmalte passou a ser mais do que simplesmente uma cor, assumindo uma personalidade. Utilizar um Risqué Atitude Pink ou um Risqué Viúva Negra caracteriza um estado de espírito, uma atitude, e cria novos laços da marca com o consumidor”, explica Daniella Brilha, diretora de marketing

da Risqué.

“Os nomes são a nossa marca registrada! Eles ajudam a criar uma conexão emocional com nossos clientes, oferecendo a ‘mensagem em um vidrinho’”, afirma Suzi Weiss-Fischmann, diretora artística e vice-presidente-executiva da gigante norte-americana dos esmaltes OPI (eles vendem cerca de 55 milhões de frascos por ano!). “As pessoas compram esmaltes pela cor, mas o nome é o que fica na sua memória. As mulheres sempre viram os vidros para ver quais nomes vão chamar sua atenção. Com os nomes, as mulheres podem viajar para lugares que elas só imaginariam. Locais exóticos e nomes evocativos deixam as mulheres se sentindo confiantes e sexy!”, acrescenta Suzi.

Apesar de para as amantes do líquido precioso o título dos vidrinhos ser algo divertido e até desprezioso, para as marcas que os colocam nas prateleiras a coisa é bem séria. Na OPI, “há um grupo de seis pessoas que se reúnem a portas fechadas para discutir centenas de su-

gestões para as novas cores. Nós até pedimos comida e trazemos adereços e imagens para inspiração”, conta Suzi.

Já na brasileira Impala, uma equipe de onze mulheres é responsável pelos pitacos decisivos na hora de batizar um novo vidrinho colorido (ou nem tanto), segundo a gerente de Marketing Soraia de Moraes Arraes. E, se a coleção é fruto de uma parceria, as cabeças pensantes aumentam. Caso da “Sweet Rock’ n’ Roll by Isabeli Fontana”, da Risqué. Uma das cores, um azul extremamente chamativo, recebeu o nome “Azulcrination”. Segundo Daniella, “foi a própria top Isabeli Fontana que apresentou essa sugestão, já que ela costumava brincar com a expressão “azucrinar” no seu dia a dia”.

Na hora de realmente botar as opções na mesa para tomar a grande decisão, o que inspira essas pessoas? “A inspiração dos nomes de cada esmalte em sua coleção está sempre relacionada ao tema proposto. Desejo, amor, paixão, alegria, emoções e outros sentimentos estão

refletidos nos nomes”, explica Soraia. Em uma das mais recentes, a Trem da Vida, os nomes são relacionados com memórias, como “Caixa de Música”, “Piquenique” e “Deitar na Rede”.

Na OPI, tudo é inspiração: “Nas cidades em todo o mundo eu me inspiro em pessoas nas ruas, comida, música, filmes e muito mais \_todos esses elementos entram em jogo para nomear as cores”, diz Suzi. Pesquisas recentes apontam que, para as marcas brasileiras, usar nomes em outras línguas não é uma jogada esperta. Quanto mais difícil a pronúncia, menos vidrinhos são vendidos.

E, já que está tão acostumada a dar nomes aos vidros, oferecemos o nome e pedimos a cor para a diretora criativa da OPI. “Como seria uma cor chamada Plastic Dreams?”: “Na moda de hoje, muitos acessórios são feitos de plástico \_de cintos e bolsas para chapéus e sapatos. Um esmalte apresentando essa tendência seria uma tonalidade azul com inspiração nos anos 60!”. Viraria hit, com certeza!



# O design está no detalhe

MUITO ALÉM DA DOBRADINHA P&B, AS CORES VIVAS SAEM DO ARMÁRIO E TRANSBORDAM PELAS LINHAS MAIS EXPRESSIVAS DO DESIGN CONTEMPORÂNEO. É A INDÚSTRIA APOSTANDO CADA VEZ MAIS NA DIFERENCIAÇÃO.

Texto **Allex Colantonio**  
Fotos **Divulgação**

Numa época em que as formas, volumes e texturas foram inventados e reinventados à exaustão, fica cada vez mais difícil para o design surpreender só pelas linhas inovadoras. Quando a indústria fecha as torneiras e os investimentos em matérias-primas alternativas e novos talentos se tornam um

risco difícil de calcular, as principais brands mundiais preferem apostar todas as fichas na mais variada cartela de cores para fazer seus produtos saltarem aos olhos do consumidor final.

E a máxima vale tanto para um garboso sofá de seis lugares quanto para um singelo fone.

Na edição 2012 do Salone del

Mobile de Milão, principal vitrine de design do planeta realizada a cada mês de abril, isso nunca esteve tão explícito. Por lá, mais uma vez exploraram diferentes matizes de verde, vermelho, laranja, azul, roxo e amarelo (em combinações explosivas que são a cara da estética do novo milênio) no-

mes fundamentais da categoria, como o francês Philippe Starck e a espanhola Patricia Urquiola, entre outros que articulam as tendências que vão vestir a casa \_e tomar de assalto a sua vida com objetos cotidianos.

Trata-se de um fenômeno pop que joga tinta sobre a monotonia das dobradinhas.



01

Tipo o preto & branco, marrom & bege, cinza & off-white que dominaram a decoração com o minimalismo pregado pelos puristas da Bauhaus e seus pupilos. Mas a tal ditadura da contenção visual começou muito antes deles.

Quase sempre associada ao conceito de elegância, a

monocromia surgiu ao lado das limitações da Revolução Industrial e dos primeiros processos massificados de produção. Tanto nas artes gráficas como no desenho de produto em si, a estética mais convencional \_e mais tangível, do ponto de vista tecnológico\_ era a do traço preto sobre fundo branco.

No livro "Design, de Les Couleurs de Notre Temps" (Bonneton Editeur), o historiador francês Michel Pastoureau escreveu que, "para a sociedade do século 19 e início do 20, as cores vivas e francas, quentes, que atraem o olhar e captam a atenção, eram cores desonestas. Só se podia utilizá-las

com parcimônia. As cores mais neutras e sóbrias, da gama de cinzas e marrons, ou do universo do preto e branco, eram consideradas, ao contrário, dignas, virtuosas, eficazes. A moral social recomendava o seu uso tanto no vestuário quanto nos objetos domésticos, e em tudo relacionado à vida cotidiana.





02



03



04



05



06



09



07



08

01 Na página inicial, bateira colorida da KitchenAid, disponível também em tons incríveis de azul, creme e verde.

02 Cadeira Assurini, do brasileiro Rodrigo Almeida, marco da nova geração de designers brasileiros.

03 A cadeira Comeback, da designer espanhola Patricia Urquiola. O produto foi relançado em novas cores.

04 Minifrigobar retrô da Brastemp, que tem o logo e puxador originais dos anos 50, disponível em amarelo, vermelho e azul.

05 Banquinho Woopy, do designer Karim Rashid, parceiro da Melissa.

06 Liquidificador rosa claro da marca americana KitchenAid, que desde sua fundação, em 1919, investiu pesado na cor de seus produtos para cozinha.

07 A poltrona Foliage, de Patricia Urquiola, destaque do Salone del Mobile de Milão de 2012.

08 Fogão retrô da Brastemp, desenvolvido pela marca para "consumidores que se inspiram em tendências".

09 Geladeira retrô da Brastemp, sua cor alegre qualquer ambiente.

A atitude que moraliza a cor é ao mesmo tempo filha dos valores burgueses e do grande capitalismo protestante".

Uma das provas mais contundentes da resistência do design vintage a uma boa lata de tinta foi o conservador Henry Ford, que durante anos ignorou a demanda do público e amargou o massacre da concorrência ao se recusar a vender qualquer automóvel que não fosse preto.

Difícil de acreditar, considerando-se que as propriedades terapêuticas das cores estimulam, instigam, provocam e emocionam nas formas mais ordinárias. E o que pode alegrar mais seu dia a dia do que uma capa de tablet turquesa, um plug de tomada azulão, um telefone pistache, um cabo USB furtacor, um grampeador coral? Pois, naquela ocasião, essas eram as diretrizes pictóricas do pecado.

Símbolos da ruptura de padrões e protagonistas dos primeiros movimentos de subversão estética, os tons quentes foram dominando a casa de acordo com movimentos culturais tão diversos quanto globalizados, como a psicodelia americana e seus derivados tipo-exportação \_vide a pantográfica Tropicália.

Nos anos 1960, com a evolução do plástico e a versatilidade do polímero como substituto dos mais distintos materiais, como metais, madeiras, vidros, couros e afins, a rotina dos acessórios passou a ficar mais alegre \_ e acessível.

Do legendário radinho de pilha à moldura do quadro da sala de estar, passando pelo fogão e pela geladeira, o mundo experimentou a tal modernidade cromática numa era em que a melhor combinação era descombinar. Como tudo em excesso, a

policromia saturou e o apogeu colorê começou a ficar aguçado na segunda metade da década de 80, quando foi varrida para debaixo de um tapete cinza até o crepúsculo do milênio.

Aos poucos, tons fluo, como o verde-limão do holandês Marcel Wanders (diretor artístico da movelaria Moooi), absolutamente extravagantes; o pink do egípcio Karim Rashid, ou a paleta com forte identidade cultural dos irmãos Campana (ambos parceiros de Melissa) foram cavando o seu espaço e apimentando a filosofia "less is more", que continua firme e forte entre os ícones da elegância arquitetônica. O que, de certa maneira, estimula mentes criativas a soltar sua verve coloridíssima e cheia de personalidade.

O paulista Rodrigo Almeida, 35, nome mais expressivo entre a nova geração de designers brasileiros \_ele acaba de realizar duas mostras individuais, uma em Milão, outra em Paris, além de assinar uma coleção para a maison Christian Lacroix\_, é um colorista assumido dos nossos tempos.

"Sempre usei muito a cor. A princípio ela sinalizava diferentes camadas de materiais, operando mais como uma textura. Hoje avancei e lido também com cores em bloco. Para mim elas potencializam a vibração da matéria. Como trabalho conceitos afetivos e não racionalistas, elas acabam funcionando como o fio condutor emotivo, o perfume do objeto", contou à PLASTIC DREAMS. Mas, para Almeida, a aplicação da cor em escala ainda é equivocada. "Seu uso no design contemporâneo é muito tímido e são raros os designers que realmente pensam tonalidades. O que existe são muitas intervenções de

tons radicais com a intenção de representar uma certa modernidade, mas isso se mostra quase sempre descartável. Pessoalmente não gosto do contexto puramente decorativo, já que isso vulgariza a relação da cor com o objeto", analisa.

Uma mancha vermelha na China, uma borrifada de amarelo na Itália, um risco vermelho sobre nude na Escandinávia, um furta-cor natureba no Brasil.

Dos talheres aos edredons, da tampa do vaso sanitário ao cesto de lixo, da caneta à xícara de chá, os pigmentos variam aos sabores \_e humores\_ de cada destino. Mas, do Japão ao Jalapão, a ordem é colorir.

"O QUE EXISTE SÃO MUITAS INTERVENÇÕES DE TONS RADICAIS COM A INTENÇÃO DE REPRESENTAR UMA CERTA MODERNIDADE. NÃO GOSTO DO CONTEXTO PURAMENTE DECORATIVO, JÁ QUE ISSO VULGARIZA A RELAÇÃO DA COR COM O OBJETO", DIZ O DESIGNER RODRIGO ALMEIDA.





Na foto, flores comestíveis. A opção agrada nutricionistas e chefs de cozinha.

# Paleta palatável

**A GASTRONOMIA É UM MEIO DE EXPRESSÃO, E O COLORIDO VAI PAUTAR SEU DELEITE, SEDUZINDO TANTO OS OLHOS QUANTO INSTIGANDO O PALADAR.**

Texto **Diogo Rodrigues**  
Foto **Vivi Bacco**

Há sem dúvida sabedoria no ditado que insiste que comemos com os olhos. Cientes disso, ainda que essa não seja a primeira preocupação de suas cozinhas, chefs dosam cores na hora de criar e apresentar seus pratos. Assim, buscam conquistar os clientes não apenas pelo estômago, mas pelo corpo inteiro.

O quanto o colorido vai palear suas criações depende da proposta da culinária que se faz no estabelecimento e, também, do conhecimento e intuição próprios de cada mestre-cuca. Até porque a gastronomia, dizem os cozinheiros, é uma arte. Como tal, deixa necessariamente espaço para o toque de artista.

“A cozinha é um meio de expressão”, afirma Ligia Karazawa, do vanguardista Clos de Tapas. Ela nota que sua preocupação é, em primeiro lugar, o sabor e a textura dos pratos. “Mas a estética faz parte”, diz. O Clos de Tapas serve, por exemplo, um prato de lula com toques marinhos. As cores ficam em tons azulados e esverdeados, “para representar o fundo do mar”, confirmando a moda.

Por preferir os produtos da temporada, sempre mais frescos, o Clos de Tapas tem um arco-íris que varia de acordo com a estação. “Agora, estamos usando pinhões, cogumelos e repolho roxo”, exemplifica a chef, diante da chegada do inverno. “Na primavera, há mais

colorido, quando usamos flores comestíveis.”

O chef Carlos Ribeiro, do Na Cozinha, tem suas cores preferidas independentemente do tempo que faz do lado de fora do restaurante. “Me preocupo em usar verde, vermelho e um pouco de amarelo”, diz. “Sou nordestino, nasci com cores.”

A composição, feita em grande medida por intuição, depende, porém, do prato. Verde e vermelho, que “trazem cor de aspecto saudável”, vão bem principalmente em pratos quentes. O laranja, sugere, combina com peixes, moquecas. Até a salada, que as crianças insistem em dizer ser a parte mais sem graça da refeição, ganha atrativo nas mãos desse chef, conforme ele espalha nos pratos de verão cebolas roxas e feijões coloridos.

Mas não é um colorir por colorir, alerta Ribeiro. É preciso levar em conta o sabor por trás da cor. O roxo da beterraba pode ser muito bonito, diz o chef. Mas talvez seja melhor escolher uma jaboticaba ou uma berinjala, a depender do gosto do freguês.

O resultado desse esmero artístico, para Ribeiro, está na cara. De verdade. “As pessoas valorizam. Você vê pelo rosto delas, enquanto elas comem”.

A cor também influencia a decisão do cliente. “O colorido faz você ter vontade de comer este prato e não aquele”, explica a chef Heloísa Bacellar, do Lá da Venda. “Os contrastes das cores são tão importantes quanto os contrastes de sabor e textura.”

Ela conta que, quando cozinha, gosta de colocar cor em tudo quanto é prato. “Alegria a cozinha, alegria a vida”. Ela explica para a PLASTIC DREAMS as características de alguns

dos tons que enfeitam suas criações. Os esverdeados, por exemplo, estão ligados a sabores frescos e cítricos, e costumam entrar bem na salada ou na pitada de salsinha, digamos, em um prato de picadinho. O amarelo, por sua vez, é por excelência o colorido de queijos e pães, além de adornar frutas como maracujá e abacaxi.

Até o branco ganha espaço na cozinha de Bacellar. “É mais delicado”, diz. “Daí você coloca um tomate \_quer coisa mais linda do que um tomate?”.

Não são só os chefs que estão preocupados com a paleta na hora de cozinhar. Essa é uma bandeira também da ciência da nutrição, que alerta para a necessidade de refeições mais arco-íris.

“Cada cor de alimento tem um nutriente específico, que é o que dá o tom da comida. Quanto mais colorido, maior é a variedade de vitaminas e minerais”, explica a nutricionista Jackeline Queiroz.

O tal branco delicado do Lá na Venda, por exemplo \_uma pesquisa recente da Universidade de Wageningen, da Holanda, mostra que os alimentos ricos nessa cor pálida são em geral ricos também em flavina.

Essa substância é apontada como redutora das possibilidades de ataques cardíacos e de acidentes vasculares cerebrais, os chamados AVC, que podem deixar lesões irreversíveis.

Se toda cor tem lá sua função, é importante lembrar-se de todas elas na hora de se servir. Que tal colocar no prato não só as cores queridinhas, como o laranja e o verde-claro? “Há preconceito com o verde-escuro”, diz Queiroz. “Mas o brócolis é uma fonte muito boa de cálcio.”

## DIVERSIDADE FAZ BEM

**NO CASO DE ALIMENTOS E CARDÁPIOS, QUANTO MAIS COLORIDO, MELHOR.**

Julgar um livro pela capa, não. Mas um alimento, em alguma medida, por que não? As cores mostram a predominância de nutrientes em um prato, como explicam à PLASTIC DREAMS as nutricionistas Andrezza Botelho e Thatiana Galante. Os tons também dão testemunho do preparo da comida \_um brócolis muito pálido pode ter sido cozido demais, perdendo nutrientes hidrossolúveis.

O ideal mesmo é procurar um nutricionista para planejar suas refeições. Mas, se quiser ter uma ideia da teoria por trás dessa prática, veja abaixo os nutrientes relacionados a alguma cores, explicados pelas nutricionistas Botelho e Galante.

### AMARELO-ALARANJADO

Cenoura, abóbora, mamão, manga, laranja, batata doce, tangerina, milho.

Contêm vitamina C, beta-caroteno, vitamina A e luteína. Contribuem na prevenção de doenças e na saúde de pele.

### BRANCO

Alho, cebola, repolho, nabo, cogumelos.

Trazem substâncias anti-inflamatórias, antimicrobianas e outras que reforçam a imunidade.

### VERMELHO E ROXO

Tomate, morango, framboesa, maçã, beterraba.

Ricos em licopeno, antioxidante que previne o envelhecimento das células. Têm também flavonoides.

### VERDE

Vegetais folhosos, pimentão, salsa, ervas, espinafre.

Contêm clorofila, cálcio, ferro, potássio, vitaminas C e E. Em conjunto, esses nutrientes contribuem para a contração muscular, a desintoxicação, a produção de energia etc.

### MARROM

Cereais integrais, castanhas.

Possuem vitaminas do complexo B, magnésio, selênio, zinco, cálcio, ferro. Ajudam na manutenção da glicemia e no combate à depressão e à ansiedade.



# VIOLETA

Crônica de  
**Clarice Falcão**  
Ilustração  
**Ana Helena Tokutake**

Clarice Falcão é atriz, roteirista e compositora. "Laços", seu curta de maior destaque, venceu diversos prêmios e foi exibido no Festival Sundance de Cinema. Viveu sua primeira personagem na novela "A Favorita", em 2008. Suas músicas são hit no youtube.

88

89



O mágico era médio. A festa estava média. O brigadeiro estava ótimo.

O play estava decorado com bolas vermelhas enormes e crianças de cores e tamanhos variados. E Violeta, que já não era mais criança há muito tempo.

O mágico agia como se estivesse em um palco e não em um play decorado com bolas e crianças e Violeta -que-já-não-era-criança-há-muito-tempo.

Uma hora, aconteceu. Foi depois do número do coelho e antes do número do pombo. Nesse exato momento, cada uma das crianças da festa pensava a mesma coisa: "De onde saiu esse coelho?". O mágico, pensava: "Quando chegar em casa não posso esquecer de colocar essa calça pra lavar". E Violeta, sentada no chão, não pensava em nada.

Assim como não pensava em nada quando levantou, e não pensava em nada quando subiu no palco-play do mágico onde ele segurava uma flor de plástico (que, infelizmente, por causa de Violeta, naquele dia não teria oportunidade de virar pombo nenhum).

Violeta só pensou em alguma coisa quando viu todas aquelas crianças olhando fixamente pra ela esperando alguma explicação. "Devia ter comido mais um brigadeiro". Foi o que ela pensou.

Mas não dava mais tempo de nada, muito menos de comer brigadeiro, e Violeta já estava com a atenção (ela, que odiava atenção) de 50 crianças (ela, que não tinha

jeito com criança) e de um mágico (ela, que tinha pavor de mágico), que esperavam pra saber por que diabos ela tinha interrompido um show que estava sendo perfeitamente agradável até então.

"Não existe pote de ouro no final do arco-íris". Apesar do tom conclusivo, Violeta estava só começando.

"Não existe pote de ouro, e essa cartola tem um fundo falso, e esse dedão do mágico é de borracha, e esse baralho só tem cartas iguais, e ele pega a moeda com a mão esquerda enquanto vocês olham pra direita, e o Papai Noel é o pai de vocês com uma barba falsa e uma roupa quente demais pro mês de dezembro, e quando você beijar alguém pela primeira vez não vão tocar sinos -a não ser que você esteja perto de sinos, e não há fada do dente, nem coelho da Páscoa, nem príncipe encantado, e ninguém é feliz para sempre."

Apesar do tom introdutório, Violeta resolveu concluir. "É isso. Foi pra isso que eu interrompi o show de mágica. Foi pra dizer que eu não interrompi show de mágica nenhum. Porque não existe mágica. Não existe pote de ouro no final do arco-íris." E nesse momento, enquanto as dezenas de cabeças das dezenas de crianças pensavam nas mais variadas coisas, uma das cabeças em vez de pensar falou alguma coisa. "Mas e o arco-íris? Existe o arco-íris?"

Violeta teve que se render. "O arco-íris existe."

E foi comer um brigadeiro.



# Múltipla, máxima, mas nunca comum

FOTOS JEON SEUNG HWAN  
DIRETOR DE MODA NEIL STUART  
EDITORA DE MODA CHERYL KONTEH  
MAQUIAGEM JULIE JACOBS @ YSL  
TOUCHE ÉCLAT FOUNDATION  
CABELO GARY GILL @ WELLA PROFESSIONALS  
ASSISTENTE DE CABELO BROOKE VENABLES  
MANICURE LUCIE PICKAVANCE  
CENOGRAFIA CORDELIA WESTON  
RETOUCHING DIGITAL LIGHT  
MODELO ALEK WEK @ STORM MODELS  
DIREÇÃO CRIATIVA EDUARDO  
JORDÃO DE MAGALHÃES

ALGUNS PRODUTOS PODEM  
SOFRER DISTRORÇÃO DE CORES OU  
NÃO SEREM DISPONIBILIZADOS  
PARA COMERCIALIZAÇÃO.

VEJA O MAKING OF NO  
YOUTUBE/MELISSACHANNEL

VESTIDO MARK FAST  
ÓCULOS ESCUROS J. MASREY  
BRINCOS YSL

MELISSA GRADIENT





BIQUÍNI MILETI  
TOUCA E BRACELETES J. MASKREY  
CHAPÉU STEPHEN JONES

MELISSA ARANHA HITS



BIQUÍNI E JOIAS J. MASKREY

MELISSA SKY GLITTER



MAIÔ LANVIN  
CAPA HAIDER ACKERMANN  
BRINCOS YSL

MELISSA PRISM

VESTIDO ASHISH  
COLAR VIVIENNE WESTWOOD  
BRINCOS YSL

MELISSA MORNING + SALINAS





VESTIDO D&G  
BRINCOS YSL

MELISSA DANCE HITS

MAIÃO GUCCI  
COLAR PAUL SMITH  
TOUCA J. MASKREY

MELISSA ARANHA QUADRADA + J. MASKREY



VESTIDO VIVIENNE WESTWOOD  
JOIAS DE CORPO J. MASKREY

MELISSA PRISM





# MAIS QUE UMA MODELO, UM EXEMPLO

QUANDO UM SORRISO PODE REVERTER TUDO; ALEK WEK REPRESENTA O SONHO REAL POR TRÁS DO CONCEITO RAINBOW, TEMA DO VERÃO 2013 DA MELISSA.

Texto **Ilana Rehavia**

Fotos **Pedro Ferraro**



Alek se diverte durante o shooting para a PLASTIC DREAMS, no set do fotógrafo Jeon Seung Hwan; o astral da modelo contagiou todo mundo

Não poderia haver escolha melhor para ilustrar uma edição inspirada no arco-íris do que a top model sudanesa Alek Wek. Nascida na tribo Dinka, na pequena vila de Wau, no Sudão, ela mudou a percepção da indústria da moda sobre padrões de beleza, atitude e comportamento. Quando Alek entrou em cena em 1995, depois de ser descoberta em um mercado londrino, o universo fashion nunca antes havia celebrado uma modelo como ela.

Fica fácil entender por que o

mundo da moda se apaixonou por Alek quando ela chegou ao estúdio no norte de Londres para o photoshoot da PLASTIC DREAMS. Com um lenço de cores vivas amarrado na cabeça, um sorriso ainda mais brilhante e pernas que parecem se estender por quilômetros, ela é uma presença poderosa.

Sua qualidade mais fascinante, porém, vem de dentro, da força de alguém que fugiu de uma guerra civil, trabalhou duro contra todos os obstáculos para chegar onde está e hoje tenta

fazer a diferença colaborando com organizações que ajudam refugiados. **“Nunca me esqueço de que fui abençoada o suficiente para ter uma oportunidade de não só escapar da guerra civil, mas também de viver de maneira civilizada** e ter tantas oportunidades maravilhosas. Não são muitas as pessoas que têm essa sorte”, diz ela.

Alek (o nome significa vaca malhada, um símbolo tribal de boa sorte em sua cultura nativa) nasceu em 1977, uma entre



Alek, maquiada por Julie Jacobs

nove filhos. Sua vida foi virada de cabeça para baixo quando a guerra estourou em seu país e a família Wek foi forçada a fugir. Alek perdeu o pai por causa de complicações após uma cirurgia e, mais tarde, deixou

**A SUDANESA ALEK WEK NASCEU NUMA PEQUENA TRIBO, FUGIU DA GUERRA CIVIL EM SEU PAÍS E MUDOU OS CONCEITOS DA INDÚSTRIA DA MODA, COM SUA ALEGRIA DE VIVER E SUA ENGAJADA VONTADE DE MUDAR O MUNDO.**

o Sudão, sendo recebida como refugiada pela Grã-Bretanha. “Minha mãe foi minha grande inspiração em meio a tudo isso. Toda vez em que penso que a vida está difícil, paro para lembrar o quanto ela aguentou, dando à luz a nove filhos, passando por duas guerras civis e perdendo o marido.”

Desde pequena, Alek aprendeu com seus pais a importância da cultura e da educação, e foi com certo nervosismo que resolveu se dedicar exclusivamente à carreira de modelo. Mas ela

não precisava ter se preocupado. Em sua impressionante trajetória profissional, estampou campanhas para Issey Miyake, Victoria's Secret e Clinique; desfilou para Chanel, Donna Karan, Christian Lacroix e Calvin Klein, tem sua própria coleção de bolsas e estrelou videoclipes para as cantoras Tina Turner e Janet Jackson.

Ela atribui seu sucesso a uma combinação de trabalho duro e perseverança, além de se rodear de pessoas que a aceitam exatamente como ela

é. “Já fui uma menina de 16 anos de idade, vindo de uma cultura diferente, tendo convivido com crianças nem sempre amigáveis, na escola. **“Mas eu estava determinada e quero que outros jovens na mesma situação vejam até onde cheguei. Se você acreditar em si mesmo, ninguém pode esmagar seus sonhos.”**

Essa habilidade de colocar as coisas em perspectiva e reconhecer o valor das oportunidades transparece em tudo o que a modelo faz. Alek é simpática e educada com todos no estúdio. Entre um clique e outro, ela canta e dança ao som da trilha sonora que sempre anima os photoshoots da PLASTIC DREAMS. Em meio aos tecidos e cristais furta-cor criados pela top cenógrafa Cordelia Weston, a top model espera pacientemente enquanto a maquiadora Julie Jacobs reaplica uma poção especial para manter o brilho de suas famosas pernas (uma combinação de dois iluminadores, um avermelhado e outro mais metálico \_caso alguém queira copiar ;-).

Alek se encanta cada vez que calça um novo par de Melissas para o ensaio fotográfico. **“Os modelos são tão divertidos e duráveis. Você pode usar para ir à praia, e depois é só lavar e pronto. Estou apaixonada por todos eles”**, diz ela.

Quando o fotógrafo volta a apontar sua câmera para Alek, a garota sorridente do Sudão se transforma novamente em uma pantera. E, mesmo com a música alta, é possível escutar a equipe suspirando a cada vez que ela se posiciona \_em mais uma pose perfeita.



# A diva Verhoeven

Texto  
Da Redação  
Fotos  
Divulgação

Julie Verhoeven is in the house! Após ilustrar os stills da sétima edição da PLASTIC DREAMS, a celebrada artista firma sua parceria com a marca customizando a fachada da Galeria Melissa na Rua Oscar Freire, e customizando a Ultra, em edição limitada.

A fachada foi devidamente inaugurada por Julie antes da abertura da São Paulo Fashion Week, época em que a cidade ferve com a presença de fashionistas de diversos cantos do mundo.

Em 29 de maio, a ilustradora mais amada da moda ganhou, à convite da Melissa, um jantar na Casa Juici + Phosphorous em sua homenagem. A ferveção rolou no centro da cidade.

Em setembro, é a vez de Verhoeven estar com a marca na Galeria Melissa Nova York, onde ela promete emocionar a todos com seu trabalho, assim como fez no Brasil. Que honra! #welopejulieverhoeven



01



02

01 A artista plástica e ilustradora Julie Verhoeven apresenta sua customização para a Melissa Ultragirl.

02 A fachada da Galeria Melissa de São Paulo, com o trabalho da inglesa, parando a rua Oscar Freire, nos Jardins.

# Love Spot

Texto  
Da Redação  
Fotos  
Divulgação



01



02

A Melissa inova também na experiência de consumo, trazendo praticidade e ainda mais diversão para suas fãs.

O projeto itinerante Love Spot, inaugurado em abril no Shopping Iguatemi, em São Paulo, que reúne algumas das marcas mais bacanas do Planeta Fashion, é uma alternativa à Galeria Melissa para encontrar os produtos da marca.

O corner apresenta um conteúdo exclusivo da marca, e coloca à mostra toda a coleção da Melissa.

O grande diferencial fica por conta da entrega: a compra pode ser enviada para qualquer lugar no Brasil, diretamente no endereço escolhido. Opção incrível para presentear as amigas!

Ele ficou no local por três meses, onde os produtos foram expostos para um público estimado de 5 milhões de pessoas. Em seguida, ele viajará para outras capitais do país.

01 e 02 Espaço da Melissa no Shopping Iguatemi, batizado de Love Spot, que pode entregar em todo o país.



# A bolsa da hora

Foto  
Sandrine Dulermo  
e Michael Labica

NO MESMO TIMING DAS MARCAS INTERNACIONAIS QUE ESTÃO APOSTANDO EM ACESSÓRIOS DE PLÁSTICO PARA SUAS COLEÇÕES, A MELISSA, PIONEIRA NO USO DO MATERIAL, CRIOU UMA BOLSA ESTILO VALISE, QUE PODE SER USADA DESDE A PRAIA A UMA REUNIÃO DE TRABALHO DISPONÍVEL NAS CORES PRETO, BRANCO, PINK, AMARELO, VERDE E LARANJA. HYPE TOTAL.





# COLORIZE SEU VERÃO!

A COLEÇÃO RAINBOW É SINÔNIMO DE FELICIDADE. OS MAIS BELOS TONS IRÃO ALEGRAR OS LOOKS DE TODAS AS IDADES NESTA ESTAÇÃO! COM NOVIDADES EM SALTOS, ESTAMPAS E APLIQUES, VOCÊ IRÁ SE EMOCIONAR!

Texto **Duda Porto de Souza**

## DANCIN' DAYS!

Uma releitura pop da clássica sapatilha de bailarina, vem em quatro combinações bicolores de cores supervibrantes (rosa e azul, preto e dourado, amarelo e rosa, laranja e bege), além de toda dourada ou preta com glitter. Prática, pode ser levada para qualquer lugar, já que é dobrável e vem com uma bolsa especial.

A opção perfeita para o final da balada ou dias muito cheios!

### MELISSA DANCE HITS

#nightandday  
#colorblocking  
#diversão



## VIP

Assimétrica, feminina e romântica, esta sapatilha de bico fino com delicado aplique de fita e laço na diagonal do cabedal é a aposta certa para as meninas mais clássicas e tradicionais. O laço preto com acabamento flocado dá identidade a Melissa Trippy. O modelo é um dos preferidos das jet-setters para o dia a dia, igualmente confortável e glamouroso.

Uau!

### MELISSA TRIPPY

#chique #cocktail  
#luxo #charme  
#riqueza





### AS NOVAS DOS CAMPANA BROTHERS

Que a Campana Papel é um hit, você já sabe, mas prepare-se para a nova cartela de cores do modelo, em sua terceira versão: rosa, laranja, branco, prata, além de preto e bronze com glitter. A nova Zig Zag glitterizada traz a mesma aura superversátil. Pode ser usada no cinema, na faculdade, e na balada. Ambos super confortáveis. Arrasa!!!



### CAMPANA PAPEL E ZIG ZAG

#orgulhobrasileiro  
#parceiros  
#design  
#artsy

### HISTÓRIA DA MODA

A Liberty Art Fabrics London é uma marca tradicional inglesa que existe desde o final do século 19. É conhecida por suas estampas de flores miúdas. Romântica, as flores aparecem ainda em cores vibrantes. Marcas consagradas como Cacharel e Manolo Blahnik já fizeram parceria com a Liberty. A Melissa usou duas estampas clássicas na consagrada Ultragirl.



ULTRAGIRL LIBERTY  
#floral #clássico  
#lovelondon  
#romantica  
#sweet



MELISSA PRISM  
#saltosqueamamos  
#exclusiva  
#bicolor  
#glam

### WE LOVE JASON WU

A Melissa Artemis + Jason Wu foi inspirada no modelo gladiador e ganha toque especial com o fecho em gorgurão, um dos materiais mais usados pelo estilista, que é o preferido das celebrities americanas. Já a Harmonic + Jason Wu tem versão com palmilha estampada com floral art nouveau, e outra com combinações bicolor e charmoso lacinho. <3 rasteiras!



ARTEMIS + JASON WU  
HARMONIC + JASON WU  
#diasfrescos  
#passeios  
#sol

### SENSUAL

Superdestaque da família de anabelas, a Melissa Prism tem um salto sofisticado, modelando o pé com conforto. Disponível em versões bicolors (amarelo/off-white, azul/off-white, preto/rosa), além das cores monocromáticas preto e vermelho. Ela será disponibilizada em duas cores especiais (branco/preto e rosa/bege) para Galeria, site e franquias. Sensualidade para todas as horas.

MELISSA OPTICAL  
#androginia #aposta  
#modernidade  
#itgirl

### TRENDY

A tira suspensa em formato T deixa o modelo supermoderno. A Melissa Optical é uma rasteirinha com esse detalhe, e mais: vem numa cartela de cores incrível, que inclui amarelo, rosa, azul, preto e branco. Brinque usando com looks mais masculinos, como camisas abotoadas até o pescoço e bermudas. Para dar feminilidade, abuse do Rainbow Make da estação (leia à página 78)





**MELISSA ARANHA HITS  
ARANHA LI**

#historiadamarca  
#favoritos  
#hit

**REINVENÇÃO**

Arredondada na frente e com sola mais fininha, a Melissa Aranha Hits enfatiza a tendência color blocking com a brincadeira de cores frente e trás. Já a delicada babuche Aranha Li é um chinelinho inspirado no clássico modelo Aranha e conta com um visual ainda mais fresh, em cores fortes e alegres, super Rainbow. É o primeiro modelo de Melissa fazendo história! Oba!!!



**FAMÍLIA DE MINI MELISSAS**

#cute #todosamam  
#brincadeiras  
#melissinha  
#baby

**PARA PRINCESINHAS**

Nessa estação, a Melissa Furadinha tem maçãs estampadas na palmilha e na superfície. Sua embalagem vira uma cestinha para piquenique! Já a nova Ultragirl ganha inspiração doce de cupcakes. A parceria com Vivienne Westwood traz uma estampa floral para Ultragirl. A Mini Melissa Zig Zag tem cartela renovada. Seguras, têm fecho de velcro. Todas até o tamanho 25.



**CACO, PIGGY E CIA.**

Um dos revivals mais legais dos últimos tempos, os Muppets customizam a Ultragirl para linha infantil com pins dos personagens Caco e Miss Piggy. A Campana Zig Zag também está disponível para crianças, ultraconfortável para os pezinhos mais fofos. Outros destaques: Ultra Glitter, brilho para as primeiras baladinhas, e o produto em parceria com o Pequeno Príncipe. A numeração vai do 26 ao 32.

**FUN, FUN, FUN**

#personagens  
#baladinha  
#linda



**MELISSA INCENSE  
MELISSA DIVINE**

#web #facebook  
#instagram  
#amor

**#todasquerem**

Os modelos são hits nas redes sociais da Melissa! Imponente, a Melissa Incense é um scarpin com asas gliterizadas ou metalizadas para aquele momento em que você está a fim de ser a musa de inspiração do Olimpo. A tendência das golas Peter Pan está tão em voga que a marca resolveu inovar e trazer esse elemento da camisaria feminina para sua sapatilha mais graciosa, a Divine.



**SOLAR**

Ideal para os dias mais quentes do verão, o modelo Melissa Solar chega com tira finíssima e superdelicada no meio do peito do pé e tornozelo. São duas versões: com máxi aplique de laço e pin com logo Melissa, e com combinação tricolor de cores vibrantes. São elas: rosa/laranja; amarelo/verde; preto/bege. Aproveite para arrasar no tom do esmalte, combinado ou des-combinando tudo.

**MELISSA SOLAR**

#calorzaio #praia #ferias  
#riodejaneiro  
#curticao  
#verao



**COLOR, YARN, FLOWER**

#rasteirinhas #nailpolish  
#meninasdorock  
#bonsdrinks  
#pool

**REFRESCANTES**

A Melissa Color une duas tendências importantes: a dos acessórios bicolors e a da renovação das tachas estilo rocker, agora em versão colorida e girlie. A Melissa Yarn é um chinelo com laço e palmilha extraconfortável com estampa de bolinhas. A Melissa Flower é desenvolvida com corte a laser, para criar um lindo desenho floral nos pés! Para diversos momentos do dia. :-)





**ULTRAGIRL ANGRY BIRDS**

#gameloko  
 #agoragirlie  
 #geek  
 #LOL

**ANGRY BIRDS, FEBRE MUNDIAL**

A Melissa não poderia deixar de lançar uma parceria com um dos games de maior sucesso de todos os tempos! Desde que foi lançado em dezembro de 2009, mais de 1 bilhão de downloads foram feitos na App Store. Agora, ele estampa a Ultra vermelha. Mas prepare-se: o divertido pássaro é na verdade uma menina, com charmoso laço, em grade adulta e infantil.

**A NOVA CARTEIRA**

O novo item hype da parceria com o designer Jason Wu com a Melissa é a carteira que está sendo lançada nesta estação. Ou, como se diz entre os fashionistas, uma clutch. Uma bolsinha pequena, ultrafeminina, para você colocar somente o essencial na hora de sair para uma festa, uma balada ou mesmo um jantar. Elegante e moderna, a clutch é para ser segurada na mão, bem natural.

**MELISSA CLUTCH + JASON WU**

#hype  
 #soucelebrity  
 #querouma  
 #luxo



# Nosso clã Melissa Rainbow

Texto **Duda Porto de Souza**  
Fotos **Marcio Madeira**

## + Pedro Lourenço

Melissa lança sua parceria com o jovem designer brasileiro Pedro Lourenço, 21, que apresenta dois modelos que fazem parte da coleção Rainbow. A Melissa Nº 1 + Pedro Lourenço é feminina, sexy e cool.

Seguindo a tendência de acessórios em blocos de cores, a sandália de salto brinca com as cores na tira do tornozelo, solado e salto, criando combinações exclusivas. A Melissa Divine + Pedro Lourenço tem uma cartela de cores inspirada pelo trabalho do fotógrafo irlandês Richard Moss, com peças que preservam a pegada arquitetônica na qual é especializado. O produto foi lançado num evento do estilista na Galeria NY e foi feito um fashion film. **Veja o vídeo no Youtube/Melissachannel.**

**PLASTIC DREAMS** *Como está rolando essa parceria?*

**PEDRO LOURENÇO** Fui apresentado pela Erika Palomino (*Consultora da Melissa e Diretora de Redação da PLASTIC DREAMS*) para a equipe da marca. Já adorávamos o trabalho um do outro. Está sendo muito prazeroso.

**PD** *Por que você decidiu trabalhar com a Melissa? O que você gosta sobre a marca?*

**PL** As possibilidades que o plástico dá são incríveis. Sempre amei a ideia de um produto sair pronto de uma máquina, como é o caso das injetoras, e de poder criar formas e relevos sem fusões. E eu não poderia trabalhar com esse material com alguém melhor e mais criativa do que a Melissa.

**PD** *Como foi o processo de desenvolvimento do produto e qual a inspiração dele? O que você queria traduzir por meio do plástico?*

**PL** Eu queria fazer um clássico desejável e extremamente feminino, com combinações de cores fresh! A inspiração são as próprias meninas apaixonadas por Melissa, que querem se sentir fortes e femininas. Eu também queria ver o plástico se integrando com a pele. O plástico têm um viço diferente dos tecidos de origem natural, e eu adoro dar a impressão, nas minhas roupas, do tecido que se transforma na pele da mulher e vice-versa. Fiz o mesmo com o plástico, o que é super novo e excitante!

O JOVEM DESIGNER, MAIS NOVO PARCEIRO DA MELISSA, PENSOU DIRETAMENTE NAS FÂS DA MARCA PARA CRIAR SEUS MODELOS.

### 01 MELISSA DIVINE + PEDRO LOURENÇO

Está disponível nas combinações amarelo + nude, rosa + nude, azul + nude, preto + nude e preto + fumê.

### 02 MELISSA Nº 1 + PEDRO LOURENÇO

Disponível nas cores preto e nude, e nas combinações nude + preto, nude + preto + pink, nude + preto + turquesa.



01

02



Coleção Resort 2013 de Pedro Lourenço



## + Salinas

A Melissa Morning + Salinas promete estar presente nos looks mais descontraídos da estação. A sandália é inspirada no estilo franciscano, com tiras cruzadas e fechamento com regulagem que a torna ainda mais confortável. Traz também uma charmosa fivela dourada com a assinatura da marca, garantindo sua autenticidade e seu charme.

A cartela é composta de cores fortes e cítricas, como salmão, verde limão e o famoso azul Klein. A Melissa Morning + Salinas marcou presença no Verão 2013 no Fashion Rio.

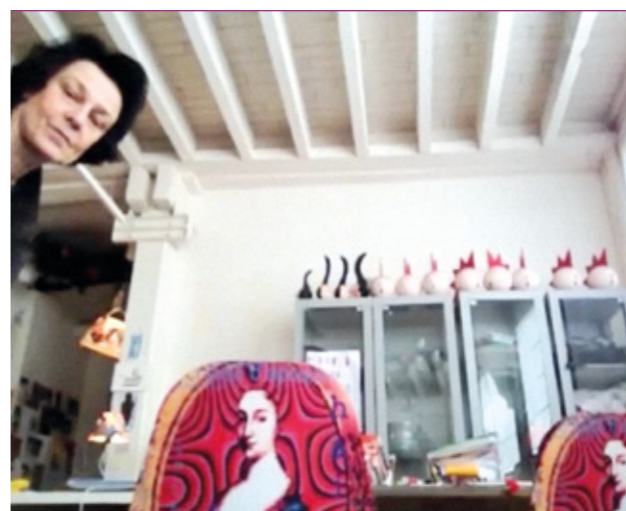
“Nossas marcas têm tudo a ver, são divertidas, coloridas e bem pop. Esse é o grande sucesso por trás dessa parceria”, diz Jaqueline Di Biasi, diretora criativa da Salinas.

**01 MELISSA MORNING + SALINAS** está disponível nas combinações verde-limão + branco + azul + preto + laranja.



Momento Melissa no desfile Verão 2013 da Salinas

## + Elisabeth de Senneville



**01 MELISSA + ELISABETH DE SENNEVILLE** é o lançamento da parceria em 2012.

**02** Imagem do modelo lançado nos anos 80 e que serviu de inspiração para o atual.

**03** Imagem de outros modelos lançados em parceria com a estilista nos anos 80.



01



02



03



Frames de vídeo onde a estilista fala, direto de seu estúdio em Paris, com a equipe da Melissa.

A estilista francesa lançou seus primeiros modelos em parceria com a Melissa em 1985. “Gosto de me ver como uma designer do futurismo e da tecnologia”, diz Elisabeth de Senneville, conhecida por suas formas limpas feitas com tecidos inovadores como hologramas, lenticulares, neoprene e fibra óptica tecida. Um marco da história da moda, Senneville sempre teve o objetivo de integrar ecologia e poesia em roupas e tecnologia de design. “Esses são lindos sapatos, muito coloridos, novos e com o design que eu criei há tempos, mas estou muito satisfeita em recomençar essa parceria. Fico muito feliz em trabalhar com a Melissa novamente”, garante a designer.





# SPFW SUPER BOMBANDO

MELISSA COLORIU AS TEMPORADAS DE MODA MAIS BADALADAS DA AMÉRICA LATINA COM SUA INSPIRAÇÃO RAINBOW, REUNINDO CELEBRIDADES, FASHIONISTAS E MUITA GENTE ANIMADA PARA VER A COLEÇÃO.

01 O espaço do lounge, aberto ao público.  
 02 A designer Constança Basto.  
 03 O característico encontro de melisseiras.  
 04 O top maquiador Fernando Torquato.  
 05 Paulo Borges, o diretor do SPFW.  
 06 A apresentadora Sarah Oliveira, fofa!  
 07 Joana, filha do chef Alex Atala, melisseira desde criança.  
 08 Pedro Lourenço dá um rasante no lounge da Melissa no evento.  
 09 A top new-face Marina Nery; no detalhe, a Ultragirl em degradê que todas queriam.



A temporada do Verão 2013 no Fashion Rio e São Paulo Fashion Week ficou especialmente colorida com a inspiração Rainbow da Melissa. Desta vez, foi o top cenógrafo Marton quem montou o espaço da marca no prédio da Fundação Bienal, para a São Paulo Fashion Week, valorizando as cores do arco-íris. Como na temporada de verão, o lounge era aberto ao público, bem democrático. Abrindo alas, quatro bikes nas cores primárias vermelho, azul, amarelo e verde, que fizeram a alegria dos visitantes de todas as idades: de crianças a executivas, passando por modelos e editoras de moda, todos curtiram posar junto às bicicletas!

Como de costume, as fãs da marca e outros visitantes formaram filas enormes durante os seis dias de evento para ganhar uma edição limitada da Melissa Rainbow, uma Ultragirl em versão degradê desenvolvida especialmente para esta estação.

Mas para isso era preciso jogar e ser sorteada, nas disputadas máquinas, gerando aquele frisson...! Resultado: uma turma muito bacana voltou pra casa mais colorida ;-)



MELISSA RAINBOW SPFW



MELISSA DREAMING + JULIA PETIT

# MELISSA + JULIA PETIT



Apresentadora de um programa de beleza no canal de TV a cabo GNT, formadora de opinião, linda e celebridade absoluta nas redes sociais. É Julia Petit quem assina a nova versão da Melissa Dreaming, que teve lançamento glam durante a temporada de Verão 2013 da São Paulo Fashion Week.

A ocasião juntou muitos fãs, que agora terão um produto que é a cara da it-girl paulistana. Julia também mantém sua produtora de trilhas sonoras para publicidade e seu blog, mas está sempre no modelo e super arrumada. Adora um animal print e tratou de estampar sua sapatilha da Melissa com tonalidades coloridas de snake print, bem ao seu estilo, cheio de personalidade e conectado com as tendências da moda.

Assim, o modelo vem em vermelho, amarelo, preto e branco e verde. É básico e confortável, tornando a Melissa Dreaming + Julia Petit extremamente versátil. Pode ser usada com t-shirt básica, blazer e jeans durante o dia, ou com vestido à noite, uma ótima opção para as meninas que não usam salto e privilegiam o conforto.



# Esperando o fim da tempestade

Texto  
Mayra Dias Gomes  
Ilustração  
Camis Gray

MAYRA DIAS GOMES ESCREVEU SEU PRIMEIRO LIVRO AOS 17, TORNANDO-SE CULT NA NOVA LEVA DA LITERATURA BRASILEIRA. AQUI, ELA DISCORRE SOBRE AS DECEPÇÕES DO AMOR.

*Eu não estava preparada. Quando meu relacionamento acabou, tão subitamente quanto uma bala perdida que atinge um peito desatento, olhei para o céu nublado e perguntei: é possível encontrar felicidade? Pois em todas as vezes que eu a encontro ela some, e eu fico para trás, atormentada por perguntas sem respostas.*

*A chuva caiu em seguida, como sempre em dias tristes. Pelo menos, naquela noite, eu tinha direito de me debulhar em lágrimas. Como pode estar tudo bem num momento, e de repente o mundo desmoronar sobre minha cabeça? Sentia-me derrotada. Um dia ele resolveu ir embora. Não parou mais de chover.*

*Tudo o que eu queria era fazer perguntas. Você não me acha mais bonita? Está me traindo? Encheu o saco de mim? Tudo bem que eu gosto de algumas coisas fúteis, mas também gosto de ler o jornal. Você tem vergonha do gosto musical da minha geração, não tem? Me acha burra porque não sei o que rola na Rússia?*

*Por que você desligou o telefone? Me diz por que você me deixou! Eu havia tomado uma decisão. Quando a tempestade passasse, iria bater em sua porta e questioná-lo. Mas os dias se arrastavam ao som de violentos trovões, e eu não ousava me levantar da cama. Esperava o Sol para secar o aguaceiro, convencendo-me de que, quando o tempo mudasse,*

*a situação do meu relacionamento também mudaria. E, quando eu finalmente recebesse as respostas que queria, poderia ir atrás de felicidade mais uma vez. Depois de uma semana, vieram bater na minha porta. Eu não atendia o telefone desde o início da tempestade, e havia causado tanta preocupação em amigos e*

*familiares que haviam ligado para a polícia. Eu disse para o policial que estava bem, mas não queria conversar com ninguém até que a chuva se calasse e eu pudesse sair de casa. O policial me ofereceu um guarda-chuva, mas eu sabia que fingir que não estava chovendo não faria com que parasse de chover, e eu choraria da mesma forma.*

*No mês seguinte, minha mãe chegou. Tentei explicar o que acontecia, mas ela disse que eu estava com febre, e que não estava mais chovendo lá fora. Olhei pela janela e arregalei os olhos inchados. Era verdade. Sem mais nem menos, apareceu um arco-íris. Ao vê-lo, e fazer meus desejos, assim como fazia quando*

*criança, tive uma epifania. Eu não podia escolher quando encontrar o arco-íris no céu. Eu não podia escolher quando encontrar a felicidade; ela só vinha me visitar quando eu menos esperava. E, se a felicidade é como um arco-íris, eu deveria aproveitar aquele momento. E, se voltasse a chover, paciência. As respostas viriam quando fosse a hora.*





Ilustração Ana Starling  
Poema Bob Guima